



«SE ALGUÉM ESTÁ EM CRISTO,  
É UMA CRIATURA NOVA»

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE  
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RÍMINI 2011



«SE ALGUÉM ESTÁ EM CRISTO,  
É UMA CRIATURA NOVA»

---

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE  
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



---

RÍMINI 2011

© 2011 Fraternità di Comunione e Liberazione  
Tradução de José Maria de Almeida

Na capa: *O chamado de Zaquêu (detalhe)*, Capua (Itália), Basílica de Sant'Angelo in Formis.  
A imagem foi gentilmente cedida pelo reitor da Basílica.

*Cidade do Vaticano, 29 de abril de 2011*

*Reverendo  
Padre Julián Carrón  
Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação*

*Por ocasião Exercícios Espirituais Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema “Se alguém está em Cristo é uma criatura nova” Sumo Pontífice dirige aos participantes afetuoso pensamento e enquanto deseja que providencial encontro suscite renovado fervor missionário a serviço do Evangelho invoca copiosa efusão luzes celestes e envia ao senhor e todos os participantes implorada bênção apostólica.*

***Cardeal Tarcisio Bertone**, Secretário de Estado de Sua Santidade.*

# *Sexta-feira, 29 de abril, noite*

*Na entrada e na saída:*

*Wolfgang Amadeus Mozart, Concerto para piano n. 27 em si bemol maior, K 595*

*András Schiff, piano*

*Sándor Végh - Camerata Academica Salzburg, Decca*

## ■ INTRODUÇÃO

**Julián Carrón**

No início deste nosso gesto dos Exercícios, creio que ninguém sente uma urgência maior do que a de pedir, de invocar a disponibilidade à conversão. Cada um de nós sabe muito bem o quanto resiste a essa conversão, quantas vezes o nosso coração se endurece, o quanto não estamos disponíveis até o fundo a nos deixar atrair por Ele. Quanto mais estivermos conscientes disso, dessa guerra na qual estamos engajados, e de qual é a nossa fragilidade e a nossa fraqueza, tanto mais sentiremos a urgência de suplicar ao Espírito que seja Ele a lavar o que for imundo, a irrigar o que for árido, e restaurar o que estiver ferido.

### *Ó Vinde Espírito*

Saúdo cada um de vocês aqui presentes e todos os amigos que estão ligados conosco de diversos países, e todos aqueles que farão os Exercícios nas próximas semanas.

Começo lendo o telegrama enviado por Sua Santidade:

*“Por ocasião Exercícios Espirituais Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema ‘Se alguém está em Cristo é uma criatura nova’ Sumo Pontífice dirige aos participantes afetuoso pensamento e enquanto deseja que providencial encontro suscite renovado fervor missionário a serviço do Evangelho invoca copiosa efusão luzes celestes e envia ao senhor e todos os participantes implorada bênção apostólica. Cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado de Sua Santidade”.*

“Se alguém está em Cristo é uma criatura nova”<sup>1</sup> porque Cristo é algo que está acontecendo comigo. Procuremos identificar-nos com os discípulos após a Páscoa. O que predominava nos corações deles, em seus

---

<sup>1</sup> 2 Cor 5,17.

olhos, na consciência de si mesmos, se não a Sua presença viva? Para eles, era algo tão evidente que não podiam arrancá-la, era uma Presença que vencia qualquer dúvida, qualquer sombra, que se impunha. Para eles, Cristo era uma coisa que estava acontecendo neles. Não era uma doutrina, um elenco de coisas a fazer, um sentimento. Era, sim, uma presença externa, diferente, mas que investia a vida deles. A ressurreição de Cristo, a Sua presença viva introduzia uma novidade que tornava a vida finalmente vida, preenchendo-a de uma intensidade que eles não podiam gerar sozinhos. Era tão evidente que eles a chamaram de “vida nova”<sup>2</sup>. E quem a vivia? Uma criatura nova. A vida nova – mas podemos dizer também a vida em seu sentido mais pleno, que se desvela pela primeira vez com toda a sua intensidade – definia de tal modo as suas pessoas que eles eram chamados de “os viventes”<sup>3</sup>. Que tipo de experiência fizeram e que tipo de experiência os outros viam neles para defini-los como “os viventes”? É isso que Cristo introduziu para sempre na realidade: a possibilidade de viver a vida num nível para nós absolutamente desconhecido antes, um algo mais, justamente, e São Paulo não encontrou outro modo de expressar esse fato se não com a frase que escolhemos como título dos nossos Exercícios: “Se alguém está em Cristo é uma criatura nova”.

Essa é a novidade que a ressurreição de Cristo introduz. Não é um retorno à velha vida anterior, é uma vida que implica um salto, um incremento de vida antes desconhecido. É tão real e, ao mesmo tempo, ultrapassa qualquer imaginação que a única coisa que se pode fazer é testemunhá-la na ação, comunicá-la através da luminosidade do rosto, através da intensidade do olhar, através da relação com a realidade, pelo modo de tratar tudo. Não é algo que se havia aprendido antes e se procura aplicar agora: não era conhecido antes, por isso era impossível tentar aplicar algo que não se conhecia, era uma surpresa, começou a ser conhecida porque Cristo a fez acontecer, era o acontecimento que tornava conhecida a novidade. “Quando estava à mesa com eles, tomou o pão, recitou a bênção, partiu-o e o deu a eles. Então abriram-se os seus olhos e O reconheceram”<sup>4</sup>. Era Ele quem a gerava constantemente: “Não é verdade que ardia dentro de nós o nosso coração enquanto Ele conversava conosco ao longo do caminho, quando nos explicava as Escrituras?”<sup>5</sup>. Era algo – Cristo, Cristo ressuscitado – que estava acontecendo neles e que fazia arder-lhes o coração.

---

<sup>2</sup> Rm 6,4.

<sup>3</sup> Rm 6,11.

<sup>4</sup> Lc 24, 30-31.

<sup>5</sup> Lc 24, 32.

Afirma Dom Giussani: “Está no mistério da ressurreição o cume e o auge da intensidade da nossa autoconsciência cristã, e por isso da autoconsciência nova de mim mesmo, do modo como olho todas as pessoas e todas as coisas. É na ressurreição que está a pedra angular da novidade da relação comigo mesmo, entre mim e os homens, entre mim e as coisas. Mas isso é a coisa da qual mais fugimos, é a coisa que mais – se quiserem, ainda que respeitosamente – deixamos de lado, respeitosamente deixada na sua aridez de palavra intelectualmente percebida, percebida como ideia, justamente como o cume do desafio do Mistério à nossa medida”<sup>6</sup>. Quem de nós não desejaria tal intensidade de vida? Mas se nós compararmos o que viveram os discípulos naquela semana de Páscoa com o que nós vivemos, todos reconheceremos a distância abissal que nos separa da experiência que eles fizeram. Inclusive a nossa participação na Liturgia: para eles, foi o momento de reconhecê-Lo (abriram-se os seus olhos e O reconheceram), para nós muitas vezes se reduziu a um rito.

Mas esse distanciamento que percebemos em nós, essa dor que se impõe, esse distanciamento foi superado nos apóstolos e essa é a esperança para cada um de nós. O que nós esperamos, neles já é um fato, já aconteceu na história. Essa novidade já foi uma experiência no homem, em alguns homens, e pode se tornar também nossa se estivermos dispostos a deixar-nos gerar através da modalidade que nos prendeu, o carisma. Para que isso aconteça devemos estar dispostos a continuar o caminho traçado por Dom Giussani, para que o cristianismo se torne tão nosso que chegue a superar essa distância que nos separa da experiência dos apóstolos, que plenifique a vida com aquela novidade que vence qualquer aridez, é preciso continuar o percurso que estamos fazendo, do qual já demos as razões no dia 26 de janeiro, na apresentação de *O senso religioso*.

A pergunta que tantas vezes, de diversos modos, está vindo à tona e que se torna mais premente quando fazemos a Escola de Comunidade é indicativa do problema que estamos analisando: mas por que insistimos que Cristo veio nos despertar e nos educar para o senso religioso, que a natureza da experiência cristã se vê pelo fato de que é capaz de suscitar o sentido do mistério no eu, de suscitar a pergunta humana? Não teria sido mais fácil falar de Cristo sem essa obstinação no despertar do eu, sem essa insistência sobre o que descobrimos em nós? E muitas vezes vocês me perguntam: “Mas para onde você quer nos levar? Não é uma complicação o caminho que Dom Giussani nos leva a fazer?”.

<sup>6</sup> L. Giussani, *A familiaridade com Cristo*, Ed. San Paolo, Cinisello Balsamo 2008, pp. 71-72.

É como se eu ouvisse hoje a mesma idêntica objeção que Dom Giussani ouvia do seu aluno. Ele próprio conta: “Agora as pessoas não percebem mais em que consiste a correspondência entre a proposta cristã em sua originalidade, entre o acontecimento cristão e a vida de todos os dias, e quando eu me esforço para explicar, e vocês se esforçam para entender, me dizem: ‘Mas como você é complicado, como você é complicado!’ No Liceu, quando eu ditava o que vocês estudam na Escola de Comunidade, havia na classe o filho de Manzù, que conhecia um padre que o acompanhava. Esse padre o instigou contra o que lia nas minhas anotações e lhe dizia: ‘Veja, ele complica, mas a religião é simples’. Quer dizer, ‘as razões complicam’ – e quantos diriam o mesmo! –, ‘a busca das razões complica’. Ao contrário, ilumina! É por essa imposição que Cristo não é mais autoridade, mas um objeto sentimental e Deus é um espantalho e não um amigo”<sup>7</sup>.

Dom Giussani sabia bem aonde levava esse modo de viver a fé, aparentemente menos complicado: “Numa situação aparentemente ideal para a transmissão de um conteúdo católico teórico e ético – paróquias eficientes oferecendo cursos de catecismo ‘para todos os gostos’; aula de Religião obrigatória em cada série da escola até o colegial; tradição bem salvaguardada nos critérios transmitidos familiarmente, pelo menos de modo formal; um certo pudor ainda não negado perante a indiscriminada crítica ou informação não religiosa; um bom índice de frequência à Missa dominical [que agora, sessenta anos depois, está tudo muito redimensionado] –, um primeiro contato com jovens estudantes do colegial indicava três fatores relevantes, que tocavam o observador interessado. Antes de mais nada, uma falta de motivação última da fé (...); em segundo lugar, uma óbvia não-incidência da fé sobre o comportamento social em geral, e escolar, em particular; enfim, um clima decisivamente gerador de ceticismo”<sup>8</sup>.

Por isso tem razão o pensador judeu Herschel: “É costume culpar a ciência secular e a filosofia antirreligiosa pelo eclipse da religião na sociedade moderna, mas seria mais honesto culpar a religião por suas próprias derrotas. A religião declinou não porque foi refutada, mas porque se tornou desprovida de relevância, monótona, opressiva e insípida”<sup>9</sup>. Essa irrelevância, essa insipidez da fé pode ser verificada também numa situação como aquela descrita por Dom Giussani, na qual a religiosi-

<sup>7</sup> L. Giussani, “Tu” (*o dell’amicizia*), Ed. Bur, Milão 1997, pp. 40-41.

<sup>8</sup> L. Giussani, *Educar é um risco*, Edusc, Bauru 2004, pp. 29-31.

<sup>9</sup> A.J. Heschel, *Crescere in saggezza*, Gribaudi, Milano 2001, p. 157.

dade era onipresente, ou como naquela imaginada por Nietzsche, onde a religião se espalhava, mas era incapaz de despertar o eu. “Nietzsche nos advertiu há tempos que *a morte de Deus* é perfeitamente compatível com uma ‘*religiosidade burguesa*’ [...]. Ele não pensou sequer por um momento que a religião tivesse terminado. O que ele questionava é a capacidade da religião de mover a pessoa [isto é, de despertar o eu] e abrir a sua mente [...]. A religião tornou-se um produto de consumo, uma forma de entretenimento como outras, uma fonte de consolo para os fracos [...] ou uma estação de serviços emotivos destinada a satisfazer algumas necessidades irracionais, que ela é capaz de satisfazer melhor do que qualquer outra coisa. Por mais que possa soar unilateral, o diagnóstico de Nietzsche acertava o alvo”<sup>10</sup>.

Um cristianismo que não é capaz de mover a pessoa, de despertar o humano, levou a um desinteresse pelo cristianismo em si, fazendo-o se tornar irrelevante. Em muitos casos não houve uma rebelião contra a proposta cristã; na maioria dos casos, o cristianismo simplesmente perdeu o interesse, ou seja, tornou-se irrelevante. Isso documenta que o despertar do eu, que o senso religioso não é algo útil somente antes da fé, mas algo decisivo em qualquer momento, é a sua verdadeira verificação. E nós, pensamos que sem essa verificação podemos fazer diferente dos outros? Ou terminaremos como todos? Será que nós também não terminaremos desinteressados da proposta cristã se não fizermos o caminho que Dom Giussani nos propõe?

Por isso, amigos, numa frase verdadeiramente sintética ele nos diz o desafio que temos diante de nós: “Estava profundamente convencido de que uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta, útil para responder às suas exigências [às exigências da vida], não seria uma fé em condições de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o contrário”<sup>11</sup>. Essa é a questão decisiva: a necessidade de focar uma experiência capaz de resistir. Por isso, na frase que citamos, Dom Giussani nos oferece uma tríplice chave para entender se estamos percorrendo o caminho certo: que a fé seja uma experiência presente (não o relato de fatos aos quais, depois, colar algo por cima), uma experiência julgada, não uma repetição de fórmulas ou de frases ou comentários a respeito; que a fé encontre confirmação da sua utilidade na vida, na experiência presente, na própria experiência

<sup>10</sup> E.L. Fortin, “The regime of Separatism: Theoretical Considerations on the Separation of Church and State”, in Id. *Human Rights, Virtue, and the Common Good*, U.S.A. 1996, p. 8.

<sup>11</sup> L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 16.

(do contrário, teremos sempre necessidade de um suplemento de certeza “de fora”); que a fé seja capaz de resistir num mundo no qual tudo diz o contrário.

Somente se nós percebermos qual é a luta na qual estamos engajados é que poderemos levar a sério o trabalho que estamos fazendo e entender as razões pelas quais Giussani fez o que fez.

Toda a razoabilidade da fé está aí, na sua capacidade de exaltar o humano para poder captar a pertinência da fé às exigências da vida, porque cristianismo e homem compartilham a mesma sorte.

Essa experiência presente da fé é decisiva para que a novidade introduzida na história e em nossa vida pelo Batismo possa perdurar, possa resistir em nós como consciência, como nos lembrou o Papa recentemente, na Missa Crismal: “São Pedro, na sua grande catequese batismal, aplicou tal privilégio e mandato de Israel a toda a comunidade dos batizados, proclamando: ‘Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido por Deus para anunciardes os louvores d’Aquele que vos chamou das trevas à sua luz admirável. Vós, que outrora não éreis seu povo, agora sois povo de Deus’ (1Pd 2,9s). O Batismo e a Confirmação constituem o ingresso nesse povo de Deus, que abraça todo o mundo; a unção no Batismo e na Confirmação introduz neste ministério sacerdotal em favor da humanidade. Os cristãos são um povo sacerdotal em favor do mundo. Os cristãos deveriam fazer visível ao mundo o Deus vivo, testemunhá-Lo e conduzir a Ele. Ao falarmos dessa nossa missão comum enquanto batizados, não temos motivo para nos vangloriar. De fato, trata-se de uma exigência que suscita em nós alegria e ao mesmo tempo preocupação: somos nós verdadeiramente o santuário de Deus no mundo e para o mundo? Abrimos aos homens o acesso a Deus ou, pelo contrário, o escondemos? Porventura nós, povo de Deus, não nos tornamos em grande parte um povo marcado pela incredulidade e pelo afastamento de Deus? Porventura não é verdade que o Ocidente, os países centrais do cristianismo, se mostram cansados da sua fé e, enfatiados da sua própria história e cultura, já não querem conhecer a fé em Jesus Cristo? Neste momento, temos motivos para bradar a Deus: ‘Não permitas que nos tornemos um *não-povo*! Fazei que Vos reconheçamos de novo! De fato, ungiste-nos com vosso amor, colocaste o vosso Espírito Santo sobre nós. Fazei que a força do vosso Espírito se torne novamente eficaz em nós, para darmos com alegria testemunho da vossa mensagem!’ Mas, apesar de toda a vergonha pelos nossos erros, não devemos esquecer que hoje existem também exemplos luminosos de fé; pessoas, que pela sua fé e o seu amor, dão esperança ao mundo. Quando for beatificado João Paulo

II no próximo dia 1º de maio, cheios de gratidão pensaremos nele como grande testemunha de Deus e de Jesus Cristo no nosso tempo, como homem cheio do Espírito Santo”<sup>12</sup>.

O beato João Paulo II é testemunha excepcional para enfrentarmos estes dias, e nos torna presente que é possível viver como cristãos, hoje. Nós temos evidentes razões para sentir esse evento da beatificação da sua pessoa como particularmente próximo a nós, pela história que nos uniu a ele, para que possamos responder ao que ele nos recomendou: “Quando um movimento é reconhecido pela Igreja, este se torna um instrumento privilegiado para uma pessoal e sempre nova adesão ao mistério de Cristo. Não permitais jamais que na vossa participação se aloje o caruncho do costume, da ‘rotina’, da velhice [isto é, o contrário da vida nova]! Renovai continuamente a descoberta do carisma que vos fascinou e ele vos levará de forma mais potente a vos tornardes servidores daquela única potestade que é Cristo Senhor!”<sup>13</sup>. Como não sentir particularmente vivo esse seu apelo num momento como este, que coincide com a sua beatificação? Quem de nós não sente essas palavras como um chamado particularmente urgente à conversão? Só poderemos responder adequadamente a essa missão se continuarmos a seguir o carisma que nos fascinou, como procuraremos fazer durante esses Exercícios.

Peçamos a João Paulo II e a Dom Giussani que nos tornem disponíveis, no início deste gesto, à graça de Cristo que continua a vir ao nosso encontro, para podermos nos tornar – como eles – testemunhas.

Um gesto com estas dimensões é impossível acontecer sem a contribuição e o sacrifício de cada um de nós na atenção aos avisos, ao silêncio, às indicações. Cada uma dessas coisas é uma modalidade imediata da nossa súplica a Cristo para que tenha piedade do nosso nada, para que não nos tornemos um não-povo. Porque essa é a luta, amigos, não é procurar arrumar alguma coisa, o risco é que nós percamos também o interesse, que nos tornemos um não-povo, como tantos à nossa volta. Todos conhecemos a necessidade que temos desse silêncio, que permite deixar penetrar até a medula de cada coisa que nos for dita, para que esse silêncio se torne um grito, súplica a Cristo para que tenha piedade de nós, do nosso nada.

---

<sup>12</sup> Bento XVI, Santa Missa Crismal, 21 de abril de 2011.

<sup>13</sup> João Paulo II, *Discurso aos sacerdotes participantes da experiência do Movimento “Comunhão e Libertação”*, 12 de setembro de 1985.

## SANTA MISSA

### HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO

“Essa era a terceira vez que Jesus se manifestava aos discípulos” (Jo 21,14). Praticamente todo dia a Sua presença física, real, essa vida nova, irrompia na vida dos apóstolos; no entanto, naquela noite estavam tristes, a noite fora infecunda. Sobretudo Pedro, pensava que podia relacionar-se com essa nova presença do Senhor segundo o que já sabia, com o que era capaz de fazer: “Vou pescar”. Não aconteceu nada, uma infecundidade total.

É só a iniciativa de Cristo, é só o acontecer real da novidade da Sua presença que escancara toda a nossa humanidade. Mas há um detalhe: esse ser agarrado por Cristo, por Ele, não pelas nossas imagens, não pelo que já sabíamos, nem pela riqueza do patrimônio de tantos anos de história com Ele no Movimento, esse ser agarrado por Cristo acontece, para Pedro e para os outros, através de alguém que vivia profundamente o drama da sua humanidade, que era o mais atento: João é o primeiro a perceber a Sua presença. Seu grito expulsa a nossa sonolência, a nossa presunção, a nossa distração: “É o Senhor!”.

Para nós, Giussani é isso, o carisma é isso: a possibilidade concreta de sermos resgatados, mas resgatados agora, porque é uma voz que grita agora – mar de Tiberíades ou mar de Rímíni, é a mesma coisa, não há nenhuma diferença –, é um rosto, é uma mão que nos indica essa Presença que nos toma um a um. “É o Senhor!”.

Peçamos a Nossa Senhora a graça para cada um de nós, a graça de não dormir e não opor resistência.

# *Sábado, 30 de abril, manhã*

*Na entrada e na saída:*

*Wolfgang Amadeus Mozart, Concerto para piano e orquestra n. 23 em Lá maior, KV 488*

*Wilhelm Kempff, piano*

*Ferdinand Leitner – Bamberg Symphony, Decca*

**Padre Pino.** Quem está em Cristo é uma criatura nova, porque Cristo é algo que está me acontecendo agora.

*Ângelus*

*Laudes*

## ■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

**Julián Carrón**

### *O “mistério eterno do nosso ser”*

Se perguntássemos a Nossa Senhora como passou a se conceber, surpreendendo-se em ação depois do anúncio do anjo, ela teria usado palavras semelhantes a essas de Dom Giussani: “Toda a personalidade de Nossa Senhora resulta do momento em que lhe foi dito: ‘Ave Maria’, isto é, quando percebeu aquele sinal, aquele chamamento. A partir do momento do anúncio, assumiu o seu lugar no universo perante a eternidade. Estabeleceu-se uma nascente totalmente nova de moralidade na sua vida. Surgiu um sentimento profundo de si, misterioso: uma veneração de si mesma, um sentido de grandeza semelhante apenas ao sentido do seu nada no qual nunca pensara desse modo”<sup>14</sup>.

Quem de nós não gostaria de viver a vida toda dominado por esse sentimento de si tão profundo e misterioso, por esse senso de grandeza tanto quanto é consciente do próprio nada? E se tivéssemos dirigido a mesma pergunta a André depois do encontro com Jesus, ele poderia olhar para sua mulher e seus filhos para intuir o que estava acontecendo com ele e que o havia preenchido de silêncio no caminho de volta: “E quando voltaram, à noite, ao terminar do dia – percorrendo o caminho, muito provavelmente em silêncio, pois jamais haviam-se falado como naquele

<sup>14</sup> Cf. L. Giussani, *Toda a terra deseja o Teu rosto*, Ed. Paulus, Lisboa, 2002, pp. 154-155.

grande silêncio em que um Outro falava, em que Ele continuava a falar e ecoar dentro deles –, e chegaram em casa, a esposa de André, ao vê-lo lhe diz: ‘Mas o que você tem, André?’ e os filhinhos, surpresos, olhavam para o pai: era ele, sim, era ele mesmo, mas era ‘mais’ ele, estava diferente. Era ele, mas era diferente. E quando – como já dissemos uma vez, comovidos com uma imagem fácil de se pensar, por ser tão realística – ela lhe perguntou: ‘O que houve?’, ele a abraçou, André abraçou sua esposa e beijou seus filhos: era ele, mas nunca a havia abraçado assim! Era como a aurora, ou o alvorecer, ou o crepúsculo de uma humanidade diferente, de uma humanidade nova, de uma humanidade mais verdadeira. Como se quase dissesse: ‘Finalmente!’, sem crer em seus próprios olhos. Mas era evidente demais para que não acreditasse em seus olhos!”<sup>15</sup>.

Que intensidade humana! Quem não gostaria de sentir toda a vibração de uma humanidade tão nova, de poder abraçar sua mulher assim? Que esposa não gostaria de se sentir abraçada assim? Não um discurso! Sentir-se abraçada assim. Não o marido lhe repetindo o discurso correto, mas alguém que a leva a fazer a experiência do que lhe diz abraçando-a assim. E qual filho não gostaria de olhar seu pai quando tudo já começa a decair pela lógica normal da vida, e dizer-lhe admirado: “é ele, mas é mais ele agora do que quando era jovem”.

Mas alguém pode pensar que Nossa Senhora e André experimentaram este outro mundo neste mundo porque era a primeira vez. Depois aconteceria com eles como acontece com todos, teriam perdido o entusiasmo. E isso é como se nos confirmasse em nosso ceticismo: foi assim, mas depois tudo decai. Que não é assim, que não é assim todos nós o vimos, todos nós, com os nossos olhos! Quem não lembra a imponência do testemunho de Dom Giussani na Praça de São Pedro, já no final da sua vida?! “‘Que é o homem, para te lembrares dele, o filho do homem, para cuidares dele?’”. Nenhuma pergunta me impressionou tanto na vida como esta. Houve só um Homem no mundo que podia me responder, colocando uma nova pergunta: ‘Que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois perder a si mesmo? Ou, que poderá dar em troca de si mesmo?’’. Nunca me foi dirigida uma outra pergunta que me deixasse sem fôlego como esta de Cristo! Mulher alguma jamais ouviu uma outra voz falar de seu filho com semelhante ternura original e indiscutível valorização do fruto do seu seio, com afirmação totalmente positiva do seu destino; só a voz do judeu Jesus de Nazaré. Mas, mais ainda, nenhum homem pode sentir-se afirmado com essa dignidade de valor absoluto, para além de

<sup>15</sup> L. Giussani, “*O tempo se faz breve*”, Sociedade Litterae Communionis, São Paulo 1994, p. 25.

qualquer sucesso seu. Ninguém no mundo jamais pôde falar assim! Só Cristo se interessa totalmente pela minha humanidade. É a surpresa de Dionísio, o Areopagita (século V): ‘Quem poderá jamais falar do amor ao homem que é próprio de Cristo, transbordante de paz?’. Repito estas palavras a mim mesmo há mais de cinquenta anos!’<sup>16</sup>.

Cada um pode fazer a comparação consigo mesmo, entre a sua experiência humana e aquela que nos testemunham esses homens e mulheres, não para ouvi-lo de novo como a enésima censura pelo fato de nós não estarmos à altura, pela nossa habitual tendência a reduzir tudo em termos moralistas, mas para nos darmos conta do que estamos perdendo. É essa intensidade que perdemos, essa vibração! E cada um de nós sabe que é verdade, nós o experimentamos em certos momentos da vida. Mas que distância existe, tantas vezes, entre eles e nós. Nada de “perder o fôlego” diante de Cristo: que redução tantas vezes descobrimos em nós! Nós estamos juntos, amigos, para nos acompanharmos, para nos apoiarmos, para testemunharmos mutuamente que é possível, em meio a todos os nossos limites – os limites não importam, vamos parar com isso, não têm nada a ver! – que é possível viver assim.

Agora, a primeira coisa para entender, com a companhia insubstituível de Dom Giussani, é por que nos reduzimos tanto.

## 1. A confusão do eu

“Por trás da palavra *eu* há hoje uma grande confusão, todavia a compreensão do que é o *meu sujeito* é o primeiro interesse. Com efeito, o meu sujeito está no centro, na raiz de qualquer ação minha (um pensamento também é uma ação). A ação é a dinâmica com a qual eu entro em relação com qualquer pessoa ou coisa. Quando se negligencia o próprio eu, é impossível que sejam minhas as relações com a vida, que a própria vida (o céu, a mulher, o amigo, a música) seja minha [...]: já a própria palavra *eu* evoca para a esmagadora maioria das pessoas um quê de confuso e flutuante, um termo que se usa por comodidade com simples valor indicativo (como ‘garrafa’ ou ‘copo’). Mas por detrás dessa palavrinha não vibra mais nada que indique forte e claramente que tipo de concepção e de sentimento um homem tenha do valor do próprio eu. Por isso, pode-se dizer que vivemos tempos em que uma civilização parece

---

<sup>16</sup> L. Giussani, “*Na simplicidade do meu coração, cheio de alegria te dei tudo*”, in *Litterae Communionis* n. 63, mai/jun 1998, p. 7.

acabar: com efeito, uma civilização é evoluída na medida em que é favorecida a vinda à tona e o esclarecimento do valor de cada eu. Estamos em uma era em que é favorecida, pelo contrário, uma grande confusão a respeito do conteúdo da palavra eu”<sup>17</sup>.

É como diz – para dar um exemplo entre tantos possíveis – este trecho do recente romance de Roth, *La controvita*: “tudo o que posso lhe dizer com certeza é que eu, por exemplo, não tenho um eu, e que não quero ou não posso sujeitar-me à palhaçada de um eu. O que tenho no lugar do eu é uma variedade de interpretações em que posso produzir-me, e não só a respeito de mim mesmo: toda uma trupe de atores que incorporei, uma companhia estável à qual posso me dirigir quando preciso de um eu, um estoque em contínua evolução de roteiros e de partes que formam o meu repertório. Mas certamente não possuo um eu independente das minhas ilusórias tentativas artísticas de possuí-lo. E nem o quero. Sou um teatro, nada mais que um teatro”<sup>18</sup>.

Uma experiência que não responda a essa mentalidade difundida, mesmo que façamos muitas reuniões, que tomemos várias iniciativas, é um fracasso! É o eclipse da humanidade, como diz ainda Herschel: “A incapacidade de perceber o nosso valor [...] é por si mesma uma terrível punição”<sup>19</sup>, que nós pagamos pessoalmente todos os dias.

Mas como foi que isso aconteceu? “A primeira constatação, no início de qualquer investigação séria acerca da constituição do próprio sujeito, é que a confusão de hoje domina por detrás da frágil máscara (quase um *flatus vocis*) do nosso eu e vem, em parte, de uma influência externa à nossa pessoa. É preciso ter bem presente a influência decisiva que tem sobre nós aquilo que o Evangelho chama ‘o mundo’ e que se mostra como o inimigo da formação estável, condigna e consistente de uma personalidade humana. Há uma pressão fortíssima por parte do mundo que nos cerca (através dos *mass media*, ou também da escola, da política) que influencia e acaba por atravancar – como um preconceito – qualquer tentativa de tomada de consciência do próprio eu”<sup>20</sup>.

Essa “influência externa”, esse “mundo”, o que é? É o poder – descreve em muitas ocasiões Dom Giussani – que não permanece fora de nós (como diz Bernanos, falando da opinião dominante: “Diante dela as energias se desgastam, o caráter empobrece, a sinceridade perde a sua

<sup>17</sup> L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 1996, pp. 11-13.

<sup>18</sup> P. Roth, *La controvita*, Einaudi, Torino 2010, p. 388.

<sup>19</sup> A.J. Heschel, *Chi è l'uomo?*, Se, Milano 2005, p. 43.

<sup>20</sup> L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., p. 12.

clareza”<sup>21</sup>), mas penetra em nós tão profundamente que nos tornamos estranhos a nós mesmos. Antes fosse somente uma perseguição exterior e permanecesse intacta a nossa autoconsciência. Antes fosse! “O que nos rodeia, a mentalidade dominante, a cultura invasora, o poder, opera uma estranheza de nós mesmos [arranca nossa alma!]: é como se não houvesse mais nenhuma evidência real a não ser a moda, porque a moda é um projeto de poder”<sup>22</sup>.

Escutemos ainda Dom Giussani: “A mentalidade comum, criada pelos *mass media* e por toda a trama de instrumentos que o poder tem – que aumentam cada vez mais, tanto que fizeram João Paulo II chegar a dizer que o perigo da época que estamos atravessando é a abolição do homem pelo poder – altera o sentido de si mesmo, o sentimento de si, mais precisamente atrofia o senso religioso, atrofia o coração, melhor ainda, o anestesia totalmente (uma anestesia que pode se tornar coma, mas é uma anestesia)”<sup>23</sup>.

Sinal dessa alteração do senso de si, dessa estranheza, é a consequente leitura que nós fazemos das nossas necessidades. Por isso Dom Giussani nos adverte: “É preciso prestar muita atenção, porque muito facilmente não partimos da nossa experiência verdadeira, isto é, da experiência completa e genuína. De fato, muitas vezes identificamos a experiência com impressões parciais, reduzindo-a, assim, numa mutilação, como frequentemente acontece no campo afetivo, no namoro ou nos sonhos com o futuro. E mais frequentemente ainda confundimos a experiência [mesmo que falemos dela a toda hora] com preconceitos e esquemas, talvez inconscientemente assimilados do ambiente [‘coincidem’ tanto conosco que pensamos que somos nós mesmos: até que ponto chega a incidência do poder!]. Por isso, em vez de nos abirmos naquela atitude de espera, de atenção sincera, de dependência, que a experiência sugere e exige profundamente, impomos à experiência categorias e explicações que a bloqueiam e angustiam, presumindo resolvê-la [nós impomos os esquemas à experiência: se relatam fatos que não trazem nenhuma clareza sobre si, são comentários, o que significa que não existe experiência]. O mito do ‘progresso científico’ que um dia irá solucionar todas as nossas necessidades’ é a fórmula moderna dessa presunção, uma presunção selvagem e repugnante: não considera nem mesmo as nossas necessidades verdadeiras, tampouco sabe o que são; recusa-se a observar a experiência com olhos abertos, e a aceitar

<sup>21</sup> G. Bernanos, *Un uomo solo*, La Locusta, Vicenza 1997, p. 41.

<sup>22</sup> L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, Bur, Milano 2010, p. 182.

<sup>23</sup> *Ibidem*, pp. 364-365.

o humano em tudo quanto ele exige. Por isso, a civilização de hoje faz com que nos movamos cegamente entre essa exasperada presunção e o mais tenebroso desespero<sup>24</sup>.

Diz Rey, um estudioso francês: “Estamos tão habituados a essa miséria que na maioria das vezes nem mesmo a percebemos”<sup>25</sup>: nos acomodamos.

Mas Giussani nos adverte que essa influência do poder está em proporção direta com a nossa impotência. Por que diz isso? Porque “nenhum resultado humano pode ser imputado exaustivamente a meras circunstâncias exteriores, posto que a liberdade do homem, apesar de enfraquecida, permanece marca indelével da criatura de Deus”<sup>26</sup>. O pecado original enfraqueceu o meu eu, mas eu permaneço criatura de Deus, não me identifico com uma peça do mecanismo das circunstâncias do poder. Isso quer dizer que uma incidência tão forte do poder sobre nós acontece também por conviência nossa. O que poderia parecer uma nova acusação de Giussani, na realidade se torna para ele recurso para o contra-ataque. O homem não foi definitivamente derrotado. E por isso diz: “nós não falamos do poder porque temos medo, falamos do poder porque precisamos despertar do sono. A força do poder é a nossa impotência. [...] Porém, nós não temos medo do poder, temos medo das pessoas que dormem e, por isso, permitem ao poder que faça com elas o que quiser. Digo que o poder adormece a todos o quanto pode. Seu grande sistema, o grande método, é adormecer, anestésiar ou, melhor ainda, atrofiar. Atrofiar o quê? Atrofiar o coração do homem, as exigências do homem, os desejos, impor uma imagem de desejo ou de exigência diferente daquele ímpeto sem fim que existe no coração. E assim crescem pessoas limitadas, definidas, prisioneiras, já meio cadáveres, isto é, impotentes”<sup>27</sup>.

É aquela “sonolência dos discípulos [que] permanece, ao longo dos séculos, a ocasião favorável para o poder do mal”<sup>28</sup>, de que o Papa fala no seu mais recente livro.

Como podemos saber que o poder não tem razão? “Você sabe o que existe no coração do homem, porque existe em você. E qual é o critério para conhecer a verdade sobre o homem (veja *O senso religioso*)? A

<sup>24</sup> L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2006, pp. 104-105.

<sup>25</sup> O. Rey, *Itinéraire de l'égarement*, Seuil, Paris 2003, p. 17.

<sup>26</sup> L. Giussani, *Por que a Igreja*, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro 2004, p. 66.

<sup>27</sup> L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., pp. 173-174.

<sup>28</sup> Bento XVI, *Jesus de Nazaré, Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*, Ed. Planeta, São Paulo 2011, p. 143.

reflexão sobre si mesmo em ação [não um discurso correto e limpo!]. Não existe outro critério”<sup>29</sup>. Não existe outro critério!

Mas, como nos lembra Hanna Arendt: “Infelizmente parece que é mais fácil convencer os homens a se comportar do modo mais impensado e ultrajante do que convencê-los a aprender com a experiência, a pensar e a julgar verdadeiramente em vez de aplicar categorias e fórmulas prontas na própria cabeça”<sup>30</sup>. Que ajuda poderemos nos dar se realmente nos acompanharmos nisso!

Uma amiga me escreve: “Caro Julián, quinta-feira passada nos reunimos para jantar com alguns amigos do nosso grupo e com o nosso responsável. Procuramos retomar o trabalho sobre o quarto capítulo de *O senso religioso*. Contávamos fatos acontecidos naquela semana, fatos que haviam nos impressionado de forma especial, seja por razões positivas como negativas, e que haviam suscitado em nós um certo tipo de admiração, alegria ou dor. O nosso responsável nos exortava, porém, a buscar no que havia acontecido ‘os fatores constitutivos do nosso eu’, sem cair em respostas já sabidas e cômodas [fico consolado que não aconteça somente comigo...]. Não nego que foi um trabalho muito provocador e pelo que me diz respeito, também doloroso. Percebi que em geral todo o grito e a exigência de bondade, justiça e beleza, frente às circunstâncias da vida, ficam sufocados e sou tentada a deixá-lo assim. O meu grito autêntico, o meu. Não o dos colegas de trabalho, o meu. Não o dos amigos do Movimento, o meu. O meu, que é absolutamente original e me faz perceber aquela desproporção imensa, aquela falta, aquela espera. É como estar a descoberto, e a gente não pode mais se esconder atrás do já sabido ou dos amigos que ‘pensam como a gente’. É você e esse mistério imenso que é o seu grito frente às circunstâncias, dentro das circunstâncias mais caras. É um grito vertiginoso e eu, em geral, tenho medo de encará-lo. Paradoxalmente, tive necessidade de um amigo para encará-lo. Tive necessidade do testemunho desse meu amigo, que nos desafiou a todos nós, ele estava *sozinho* contra todos, e nunca o senti tão amigo. O trabalho apenas começou”.

Amigos, nós devemos decidir continuamente se seguimos de verdade Dom Giussani ou apenas temos a intenção de segui-lo, e depois sobrepor aos fatos os nossos pensamentos. Porque é somente nos surpreendendo em ação – como ele nos ensina – que podemos fazer vir à tona tudo o que somos. O quinto capítulo de *O senso religioso* (para continuar o nosso

<sup>29</sup> L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 365.

<sup>30</sup> H. Arendt, *Responsabilità e giudizio*, Einaudi, Torino 2004, p. 31.

percurso), onde Giussani descreve a verdadeira natureza do eu, de um eu não reduzido, nos ajuda nesse trabalho. Cada um pode fazer a comparação entre aquela vibração humana e o achatamento do desejo que tantas vezes surpreendemos em nós mesmos e que, como diz Dom Giussani, é a origem do “desnorreamento dos jovens e do cinismo dos adultos”<sup>31</sup>.

## 2. “O mistério eterno do nosso ser”

“Nada é tão fascinante quanto a descoberta das reais dimensões do próprio ‘eu’, nada é tão rico de surpresas quanto a descoberta do próprio rosto humano”<sup>32</sup>, nos diz ainda Dom Giussani. Por isso é uma aventura apaixonante, mas – como acabamos de ouvir – para lançar-nos nessa aventura e vencer aquela estranheza de nós mesmos é preciso alguém com quem olhar o nosso humano, alguém que não se assuste com o meu humano. Como escreve esta jovem a um amigo: “Neste momento sinto a necessidade de falar com você, agora que essas perguntas, que por tanto tempo mantive escondidas dentro de mim, reclusas e acorrentadas, finalmente explodiram. Finalmente... Tudo conspirou e conspira contra mim, tudo, até mesmo minha mãe me dizia *fique tranquila, essa tristeza vai passar*, ou então *não se preocupe*... Mas não passou e nunca deixei de pensar nela porque é uma necessidade de sentido angustiante, que não me deixa e me atormenta todos os dias, em todos os momentos, sem tréguas. Todos tentaram me acalmar, me tranquilizar, fazer com que eu não sofresse e tudo se tornasse mais suportável, serenando um coração inquieto, que, porém, nunca parou de desejar e de pedir cada vez mais. Depois você apareceu, eu nunca tive um amigo como você. Somente você não se assustou, nem se escandalizou diante da minha dor e da minha exigência de infinito. Nunca ninguém me olhou assim. Meu coração tremeu, vibrou como nunca. De repente fui invadida pela amarga consciência de que até agora ninguém jamais me olhou como eu verdadeiramente desejava, todos deixaram de lado minha incômoda urgência, compartilhando comigo tudo, menos o que era indispensável. Mas uma vida que não considera a minha humanidade, as minhas exigências mais viscerais e íntimas, não é vida, e não é nem mesmo morte, é apenas um choro desesperado. Eu não posso deixar de lado a minha busca de sentido, do contrário eu sufoco, não consigo avançar, tudo é igual, achatado, inútil, tedioso e terrivelmente insuportável. O encontro com você criou em

<sup>31</sup> L. Giussani, *O eu, o poder, as obras*, Ed. Cidade Nova, São Paulo 2001, p. 163.

<sup>32</sup> L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., p. 11.

mim uma pretensão em relação à minha vida inteira, a cada segundo, e eu não quero mais viver por nada menos que isso. Você acendeu em mim uma paixão, um gosto que eu jamais senti. Eu preciso ter ao meu lado pessoas que estejam à altura do pensamento que domina a minha vida, com as quais eu possa, a todo momento, falar sobre o que realmente tem valor. Eu quero estar com você porque você não me reduz, não me nega, não me mortifica, não me consola e não tenta me dar uma resposta, não tenta me distrair ou levantar minha moral, mas compartilha comigo a espera, o questionamento, a nobreza da nossa dor, a grandeza desse desejo ilimitado e a desproporção que cria. Eu preciso de você porque me faz olhar de frente essa terrível, mas cara dor, esse terrível, mas caro pensamento que me torna tão humana”.

Pensem na Samaritana: o olhar daquele Homem desvelou exatamente – como aconteceu com essa jovem frente a seu amigo – a verdadeira natureza da sua “sede”<sup>33</sup>.

Por isso, “o ponto de partida para uma investigação como a que nos interessa está na própria experiência, no si-mesmo-em-ação. [...] O fator religioso representa a natureza do nosso eu enquanto se exprime em certas perguntas: ‘Qual é o significado último da existência?’; ‘Por que, no fundo, vale a pena viver?’”<sup>34</sup>.

A primeira característica dessas perguntas é que são inextirpáveis. “Essas perguntas se enraízam profundamente no nosso ser: são *inextirpáveis*, pois constituem como que o tecido de que é feito”<sup>35</sup>. Afirmava ainda Herschel: “Apesar dos fracassos e das frustrações continuamos a nos sentir obcecados por essa pergunta inexprimível e não sabemos aceitar a ideia de que a vida seja vazia, desprovida de significado”<sup>36</sup>. E, como diz Leopardi, apesar do naufrágio universal, a pergunta permanece: “Como uma torre / em solitário campo, / Sozinho estás, gigante dentro dela”<sup>37</sup>. Esse pensamento dominante, “terrível, mas caro”<sup>38</sup> é o indício de algo que não afoga no contraste acenado, que reemerge do naufrágio universal, que “o infinito nada de tudo”<sup>39</sup> não consegue eliminar. Pensem no Filho Pródigo: quando percebeu o nada de tudo, a urgência humana era ainda maior do que antes.

Por isso, a segunda característica dessas perguntas é que são inexau-

<sup>33</sup> Jo 4, 15.

<sup>34</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, Ed. Universa, Brasília 2009, p. 73.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 75.

<sup>36</sup> A.J. Heschel, *Chi è l'uomo?*, op. cit., p. 71.

<sup>37</sup> G. Leopardi, “O pensamento dominante”, vv.18-20.

<sup>38</sup> *Ibidem*, v. 3.

<sup>39</sup> G. Leopardi, “A si mesmo”, v. 16.

ríveis, carregam uma exigência de totalidade: “Naquelas perguntas, o aspecto decisivo é oferecido pelos adjetivos e advérbios: qual é o sentido *último* da vida? *No fundo, no fundo*, de que é feita a realidade? Por que vale *verdadeiramente* a pena que eu exista, que a realidade exista? São perguntas que esgotam a energia, toda a energia de busca da razão, são perguntas que exigem uma resposta total que abranja todo o horizonte da razão, esgotando toda a ‘categoria da possibilidade’. Existe, com efeito, uma coerência da razão que não se detém, a não ser quando chega a se exaurir totalmente. ‘Sob o intenso azul do céu, um ou outro pássaro voa; nunca se detém: porque todas as imagens levam escrito: *mais além*’<sup>40</sup>. Começar a reconhecê-lo torna-se luz para a estrada da vida. Olhem o que diz Dom Giussani comentando esta passagem de Montale: “O problema, de fato, é não viver os relacionamentos como se fossem ‘deuses’, como se fossem relações com o divino; são relações com o sinal, por isso não podem realizar, podem se tornar estrada, passagem, sinal, podem remeter, como dizia Clemente Rebora na poesia que eu citei de *O senso religioso*: ‘Não é por isso, não é por isso’. E Montale, de um ponto de vista pagão, ateu, diz: todas as coisas estranhamente gritam, trazem escrito ‘mais além’. E então se tratam não como se dissessem: ‘Eu sou tudo’; e isso nos faz apreciar mais as coisas, as pessoas. Por exemplo, é muito mais fascinante ser companheiros de caminho do que cúmplices de uma satisfação provisória”<sup>41</sup>.

Cada um de nós pode escolher.

Por isso, alguém verdadeiramente atento à experiência não pode deixar de reconhecer a desproporção estrutural que constitui o nosso eu, que Leopardi descreveu de um modo insuperável neste texto: “O não poder ser satisfeito por alguma coisa terrena, nem, por assim dizer, pela Terra inteira; considerar a amplitude inestimável do espaço, o número e a grandeza maravilhosa dos mundos, e achar que tudo é pouco e pequeno para a capacidade do próprio espírito; imaginar o número dos mundos infinito, e o universo infinito, e sentir que o espírito e o desejo nossos seriam ainda maiores que esse universo; e sempre acusar as coisas de insuficiência e de nulidade, e sofrer de ausência e vazio, e portanto tédio, me parece o maior sinal da grandeza e da nobreza da natureza humana”<sup>42</sup>.

Que sentimento de grandeza! “A inexauribilidade das perguntas exalta a *contradição* entre o ímpeto da exigência e a limitação da medi-

<sup>40</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 75.

<sup>41</sup> L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 385.

<sup>42</sup> G. Leopardi, *Poesie e prose*, Mondadori, Milano 1980, Vol. II, p. 321.

da humana na procura. No entanto, lemos com gosto um texto à medida que a vibração dessas perguntas e a dramaticidade dessa desproporção lhe sustentam a temática<sup>43</sup>. Essa contradição insolúvel é o “Mistério eterno / do nosso ser”<sup>44</sup>, que é a coisa que mais falta entre nós, justamente pela razão citada: pela influência que o poder tem sobre nós, com a nossa convivência. Não falta Deus, falta o mistério do nosso eu, esse mistério eterno do nosso ser! Por isso não temos necessidade d’Ele e por isso buscamos a resposta onde todos a buscam.

Mas quando alguém começa a experimentar refletidamente esse mistério eterno do próprio ser, então começa a vencer essa confusão que arruína a vida e descobrimos em nós uma clareza de juízo única. Eis o exemplo dramático de um amigo que me escreve: “Caro Julián, quero lhe relatar um fato que está mexendo com a minha vida. Faço-o depois do seu apelo na última Escola de comunidade, no qual citando um texto do canto *O meu rosto* você dizia: *‘Olho no fundo e vejo o escuro que não tem fim*. Se nós não surpreendemos isso, é porque aquilo que mais nos falta – volto aos Exercícios da Fraternidade – é o sentido do Mistério. E isso se vê no fato de que nós, afinal, buscamos a satisfação da vida lá onde a buscam todos’. Bem, eu que estou há anos em CL, casado, com mulher e filhos, me apaixonei por uma jovem. Comecei a entendê-lo um pouco porque no fundo, no fundo, não queria admiti-lo, mas é assim mesmo. Eu procurava afastar essa evidência colando ‘Cristo’ à nossa amizade, mas era evidente que se tratava apenas de uma consolação psicológica, para não ter que olhar o desvio do meu eu. Todas as fibras do meu ser vibram com o rosto dessa pessoa. Se tomei coragem e decidi lhe escrever é porque depois da Escola de comunidade sobre o capítulo *O senso religioso: o ponto de partida* comecei a olhar profundamente a minha situação para surpreender em ação os fatores constitutivos do meu eu e descobri que sou verdadeiramente uma necessidade sem fundo, que não pode ser satisfeita nem com o rosto belo e puro dessa moça. Bastou um instante em que reconheci essa evidência que logo a confusão alimentada por essa situação se dissolveu, sem tirar o sacrifício enorme do afastamento dela e a dor que sinto quando penso em minha esposa, de quem gosto muito, em meus queridos filhos, em meus amigos e testemunhas. Pela primeira vez percebi profundamente o mistério do meu ser, a sua vastidão infinita e, ao mesmo tempo, a sua

<sup>43</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 77.

<sup>44</sup> G. Leopardi, “Sobre o retrato de uma bela mulher esculpido em seu monumento funerário”, vv. 22-23.

nulidade e pequenez. A surpresa é que, dentro de toda essa dor, vejo diante de mim a beleza e a conveniência da estrada verdadeiramente humana que você está nos propondo, com uma decisão e franqueza que são, para mim, o maior sinal da ternura de Deus pelo meu nada. Se Cristo não fosse uma presença real para mim eu não estaria em condição de olhar-me assim, e por isso sou verdadeiramente grato, porque não preciso jogar fora nada do meu humano; ao contrário, tudo o que está acontecendo comigo é uma provocação a me perguntar de Quem eu sou, a Quem quero dar toda a minha vida. Não quero mais viver como se meu encefalograma fosse uma linha reta”.

É somente assim que a vida não é resolvida por um moralismo estéril. Se nós formos capazes de olhar profundamente o mistério do nosso ser, então tudo é pequeno para a capacidade da alma (mas quantas complicações da vida por não se entender isso...), porque não resolve nada ir atrás da primeira que passa, não resolve nada, simplesmente complica tudo, para depois ter de recomeçar do zero. E a isso não podemos responder somente moralisticamente: “Porque é proibido”, para depois dizermos a nós mesmos: “Mas no fundo perdemos o melhor”. Significa que não entendemos nada! Como diz Gertrud von le Fort: cada coisa considerada do ponto de vista religioso adquire lucidez e clareza.

Então, olhar-nos pelo mistério que somos nos faz entender as coisas que carregamos dentro de nós (e que tantas vezes nos desconcertam), como, por exemplo, a tristeza, “a grande *tristeza*, caráter fundamental da vida consciente de si, ‘desejo de um bem ausente’, segundo Santo Tomás”<sup>45</sup>. Quando sinto essa tristeza é porque desejo um bem que ainda está ausente. Por isso ser consciente do valor de tal tristeza se identifica com a consciência da estatura da vida e com o sentimento do seu destino”. E, então, alguém pode sentir a verdade dessa tristeza como a descreve Dostoiévski (longe de ser uma desgraça!): “Essa eterna e santa tristeza que alguma alma eleita, uma vez a tendo saboreado e conhecido, não trocará depois nunca mais por uma satisfação barata”<sup>46</sup>.

E referindo-se ainda a Dostoiévski, Dom Giussani prossegue: “Só a ideia eterna de que há qualquer coisa de infinitamente mais justo e feliz do que eu me enche por completo de uma ternura sem limites e de glória! Seja eu quem for, seja o que tenha feito! Muito mais do que a sua própria felicidade, é necessário ao homem saber e acreditar em cada momento que há em qualquer parte uma felicidade perfeita e

<sup>45</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., pp. 81-82.

<sup>46</sup> Cfr. F. Dostoiévski, *Os demônios*, Editora 34, São Paulo 2005, p. 49.

calma, para tudo e para todos. A lei da existência humana consiste em que o homem pode sempre inclinar-se perante o infinitamente grande. Se privássemos disso o homem, este não quereria viver e morreria desesperado”<sup>47</sup>.

É por isso que o eu surpreendido em ação se revela como promessa, como o descreveu de um modo genial Pavese: “O que o homem busca nos prazeres é um infinito, e ninguém jamais renunciaria à esperança de alcançar essa infinitude”<sup>48</sup>, porque “a espera é a estrutura mesma da nossa natureza, [...] estruturalmente a vida é promessa”<sup>49</sup>. Não fomos nós que o decidimos, é assim.

Por isso, quanto mais alguém entra no mistério do próprio ser, mais toma consciência do que é a verdadeira solidão, que não é o sentimento passageiro de se sentir só, isso não seria nada. “Pode-se perfeitamente dizer que o sentimento da solidão nasce no coração de cada empenho sério com a própria humanidade [quanto mais alguém leva a sério a própria humanidade, tanto mais toma consciência da natureza das próprias necessidades e sente toda a impotência para responder a elas]. Estamos sozinhos com as nossas necessidades, com a nossa necessidade de ser, de viver intensamente, como uma pessoa sozinha no deserto: a única coisa que pode fazer é esperar que venha alguém. E não será certamente o homem a trazer a solução; pois o que tem que ser resolvido são justamente as necessidades do homem”<sup>50</sup>.

Então é nesse momento que posso começar a entrever qual é a verdadeira companhia: “O filósofo norte-americano Alfred N. Whitehead assim define a religião: ‘Aquilo que o homem faz na sua solidão’. A definição é interessante mesmo que não expresse todo o valor do qual parte a intuição que a gerou. Com efeito, essa pergunta última é constitutiva do indivíduo e, nesse sentido, o indivíduo é totalmente só: ele mesmo é aquela pergunta e nada mais. Por isso, quando olhamos um homem, uma mulher, um amigo, alguém que passa, sem que ressoe em nós o eco daquela pergunta, daquela sede de destino que os constitui, o nosso relacionamento não é humano, e menos ainda pode ser um relacionamento amoroso em qualquer nível: não respeita a dignidade da outra pessoa, não é adequado à dimensão humana da outra pessoa. A mesma pergunta, porém, no mesmo instante em que define a mi-

<sup>47</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 83.

<sup>48</sup> Cf. C. Pavese, *O ofício de viver*, Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro 1988, p. 209.

<sup>49</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 85.

<sup>50</sup> L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit., p. 105.

nha solidão, coloca a raiz da minha companhia, porque significa que eu sou constituído de uma outra coisa, ainda que misteriosa. Portanto, se quisermos completar a definição do filósofo americano, diremos que a religião é, sim, aquilo que o homem faz na sua solidão, mas é também aquilo em que descobre a sua essencial companhia. Esta companhia é mais original que a solidão, já que aquela estrutura de pergunta não é gerada pela minha vontade, mas me é dada. Portanto, antes da solidão está a companhia que abraça a minha solidão, por isso não é mais verdadeira solidão, mas grito de apelo à companhia escondida.”<sup>51</sup>. Por isso, quanto mais alguém vive essa solidão, essa impotência, essa falta, não pode deixar de gritar como naquela poesia de Luzi: “De que é falta esta falta,/ coração,/ de que de repente te enches?/ De quê?”<sup>52</sup>.

### 3. A saudade do Tu

Este é o cume da busca, este é o cume que surpreendemos em nós, onde o eu expressa o que é, se não estiver reduzido. Como expressa maravilhosamente o poema de Lagerkvist: “É meu amigo um desconhecido, alguém que não conheço [não sei o que procuro, não o conheço]. / Um desconhecido distante, distante. / Por ele o meu coração está cheio de saudades. / Por que ele não está junto de mim. / Talvez porque não exista de verdade? / Quem és tu que preenches o meu coração com a tua ausência? / Que preenches toda a Terra com a tua ausência?”<sup>53</sup>.

Com essa palavra – saudade – Lagerkvist descreve de um modo simples o que Giussani escreve no final do quinto capítulo: “A afirmação da existência da resposta está implicada no próprio fato da pergunta”<sup>54</sup>. A saudade é uma experiência humaníssima através da qual todos podemos entender que o fato de tê-la implica que exista o outro de quem sinto saudade, do contrário não existiria a saudade, não existiria como experiência, não sentiríamos a falta de ninguém. Pensem se vocês já sentiram saudade de alguma coisa, ou de alguém, senão porque já existiu e existe.

Então um eu não reduzido é um eu que sente essa saudade dentro de si, essa saudade de um Tu real e misterioso, uma saudade que existe no próprio idêntico impulso com que entra em contato com o real.

<sup>51</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 89.

<sup>52</sup> M. Luzi, “Di che è mancanza”, vv. 1-5.

<sup>53</sup> P. Lagerkvist, “Uno sconosciuto è il mio amico”, in *Poesie*, Guarealdi-Nuova Compagnia Editrice, Rimini-Forlì 1991, p. 111.

<sup>54</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 91.

Como os Salmos testemunham de um modo único: “Ó Deus, Tu és o meu Deus, desde a aurora ansioso Te busco, minha alma tem sede de Ti, minha carne Te deseja com ardor, como terra seca, deserta, sem água. Sim, eu Te contemplava no santuário, vendo o Teu poder e a Tua glória. Porque a Tua graça vale mais do que a vida, e por isso meus lábios cantarão o Teu louvor. No meu leito, de Ti me recordo e penso em Ti nas vigílias noturnas. A Ti se apegam a minha alma e a Tua mão direita me sustenta”<sup>55</sup>. Ou: “Como a corça anseia pelos cursos d’água, assim a alma minha anseia por Ti, ó Deus, porque a minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo. Quando voltarei a ver a face de Deus?”<sup>56</sup>.

Não falta Deus, falta um eu assim! Que carregue dentro toda a saudade, toda a sede... Entendem por que Jesus diz “Bem-aventurados os que têm fome e sede”?<sup>57</sup> Bem-aventurados! Somente um verdadeiro eu desperto pode reconhecê-lo, comovido. E isso confirma a racionalidade do percurso que Dom Giussani nos faz fazer – me parece! –, e que não nos poupe é decisivo: é uma graça.

A luta com o poder se dá nesse nível. Um eu assim é a vitória sobre o poder, sobre a tentativa do poder de reduzi-lo no impulso do seu desejo, de achatá-lo. Para um eu assim as ofertas do poder são migalhas, porque sabe que nenhuma distribuição de presentes pode bastar, nenhum lugar ao sol é suficiente para um eu consciente da própria necessidade, porque alguém assim sabe aonde encontrar o seu repouso, um repouso à altura da sua necessidade, o único que verdadeiramente faz repousar. “Vós nos fizestes, Senhor, para Ti e o nosso coração estará inquieto enquanto não encontrar repouso em Ti”<sup>58</sup>.

Quanto mais a pessoa está consciente de que só Ele pode constituir o seu verdadeiro repouso, mais se comove com o fato mesmo da existência de Deus. Não pode deixar de ser invadido pela comoção da sua existência, como repetia com tanta frequência Dom Giussani: “O meu coração está feliz porque Cristo vive”<sup>59</sup>.

Por isso a Sua presença me enche de silêncio: “Ao Teu nome e à Tua recordação se volta, ó Deus, todo o nosso desejo”<sup>60</sup>. Esse desejo não pode sobreviver nem alguns minutos se não se tornar pedido, porque a verdadeira forma do desejo é o pedido: chama-se oração.

<sup>55</sup> Sal 63,2-9.

<sup>56</sup> Sal 42,2-3.

<sup>57</sup> Mt 5, 6.

<sup>58</sup> Santo Agostinho, *Confissões*, I, 1.

<sup>59</sup> L. Giussani, *L'Alleanza*, Jaca Book, Milão 1979, p. 106.

<sup>60</sup> Is 26, 8.

# *Sábado, 30 de abril, à tarde*

Na entrada e na saída:

Wolfgang Amadeus Mozart, Concerto para piano em dó menor n. 24, K 491

Clara Haskil, piano

Igor Markevitch - Orchestre des Concerts Lamoureux

Coleção “Spirto Gentil” n. 32, Philips

## ■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

**Julián Carrón**

### *“Ubi fides ibi libertas”*

“É bela a estrada para quem caminha”<sup>61</sup>. E caminhar é uma decisão que cada um deve tomar continuamente porque, apesar de o tecido do humano com que fomos feitos ser acessível ao homem verdadeiramente atento à experiência e ao eu que se observa em ação, todos sabemos o quanto estamos longe de ter essa clareza. Só alguns homens ou em alguns momentos culminantes conseguem captar o fundo de si, tornar-se verdadeiramente conscientes de si. Em geral, o que prevalece é a confusão – como bem sabemos, basta observar como nos movemos tantas vezes –, que se dá pela influência do poder ou pela nossa convivência e distração, e aí a pessoa não caminha.

As consequências desse não-caminhar são descritas por Dom Giusani de modo admirável no oitavo capítulo de *O senso religioso*. São tremendas, basta um breve sumário: o esvaziamento da personalidade (que fica entregue à reatividade); a aridez nos relacionamentos; o diálogo reduzido a conversa fiada; a solidão como ausência de significado (cujos sintomas mais graves são a exasperação, a violência e a vulnerabilidade).

Por isso, alguém que se torne verdadeiramente consciente dessa situação entende qual é a dramática situação em que muitas vezes nos encontramos. Diz von Balthasar: “Assim como uma grande parte das profundezas do homem ficou coberta e esquecida por causa do afastamento de Deus, essa profundidade [do ser, essa veneração de si, essa consciência verdadeira de nós mesmos] só pode ser elevada

<sup>61</sup> C. Chieffo, “La Strada”, in: *Canti*, Società Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, Milão 2002, p. 245.

à luz da memória e da autocompreensão do homem pela encarnação de Deus”<sup>62</sup>.

Essa é a razão pela qual Deus saiu à procura do homem. “Ele sai ao encontro da inquietação do nosso coração, da inquietude que nos faz questionar e procurar”<sup>63</sup>.

É nessa situação que o cristianismo precisa mostrar a sua capacidade de despertar o eu, este eu que muitas vezes já está resignado, convencido de que se basta a si mesmo, tão reduzido está. Se conseguir despertá-lo, essa será a verificação mais poderosa da fé.

## 1. Só Cristo salva o humano

“Só o divino pode ‘salvar’ o homem, isto é, as dimensões verdadeiras e essenciais da figura humana e do seu destino só podem ser ‘conservadas’ – ou seja, reconhecida, proclamadas e defendidas – por Aquele que é o seu sentido último”<sup>64</sup>, nos ensinou Dom Giussani.

“*A resposta positiva à dramática dispersão em que a sociedade nos faz viver é um acontecimento. Só um acontecimento [...] pode tornar o eu claro e consistente nos seus fatores constitutivos. Este é um paradoxo que nenhuma filosofia ou teoria – sociológica ou política – consegue tolerar: que seja um acontecimento, não uma análise, não um registro de sentimentos, o catalisador que permite aos fatores do nosso eu virem à tona com clareza e se comporem aos nossos olhos, diante da nossa consciência, com limpidez firme, duradoura e estável. [...] O acontecimento cristão é, de fato, o catalisador adequado do conhecimento do eu, é o que torna possível uma clara e estável percepção do eu, que permite ao eu tornar-se operativo enquanto eu. Fora do acontecimento cristão, não podemos entender o que é o eu. E o acontecimento cristão é – como já vimos a respeito do acontecimento como tal – algo de novo, de estranho, que vem de fora, portanto algo impensável, que não podemos supor, que não podemos reconduzir a uma construção nossa, que irrompe na vida. [...] Esse encontro abre os meus olhos para mim mesmo, suscita um desvelamento de mim, demonstra-se correspondente àquilo que sou: faz com que eu me dê*

<sup>62</sup> Cfr. H.U. von Balthasar, *Wenn ihr nicht werdet wie diesses Kind*, Johannes Verlag, Einsiedeln 1988.

<sup>63</sup> Bento XVI, *Santa Missa Crismal*, 21 de abril de 2011.

<sup>64</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro 2003, p. 120.

conta daquilo que sou, daquilo que quero, porque me faz entender que o que traz é exatamente o que eu quero, corresponde ao que sou”<sup>65</sup>.

E essa é a confirmação do caminho que estamos procurando fazer, porque só o acontecimento é capaz de despertar o eu, não a repetição de certas fórmulas, só o acontecimento cristão me faz entender o meu eu, e por isso insistimos na Escola de Comunidade buscando testemunhar mutuamente como surpreendemos o Seu acontecer em nós, porque é isso que testemunha o acontecimento cristão em ato, esse despertar do eu. Estamos buscando entender quem é Cristo observando o que consegue despertar em nós, para entendermos a nós mesmos, para nos tornarmos mais consistentes, mais estáveis como consciência, para estarmos menos dependentes do poder, para ter uma inteligência maior do real, para sermos nós mesmos, para que ninguém nos engane.

Cristo é tão correspondente ao que sou que quando O encontro finalmente posso entender de Quem é falta a falta que eu sinto, de Alguém que me diz: “Eu sou o Mistério que falta em todas as coisas que tu provas, a cada promessa que tu vives. Seja o que for que tu desejes ou procures alcançar, eu sou o Destino de tudo aquilo que fazes. Tu procura-Me em todas as coisas!”<sup>66</sup>.

O autor francês Chrétien identificou bem que essa consciência só é possível para o cristianismo: “Que o mais alto desejo, e o que faz a grandeza do homem, seja o desejo de infinito, o desejo que nada aplaca ou adormece, pois nada de finito pode satisfazê-lo, isso constitui um pensamento propriamente cristão, pelo fato de que o desejo de infinito tem por verdade o desejo de Deus mesmo. Tal pensamento se opõe radicalmente a toda a sabedoria grega antiga, para a qual um desejo sem limite seria um sinal de desmedida e de loucura, caminho certo para a infelicidade ou para o desespero”<sup>67</sup>. E até que ponto o pensamento antigo retorna podemos vê-lo pelas vezes em que os pais começam a dizer aos filhos que é uma loucura desejar isso ou aquilo: não estando ainda em condição de entender a si mesmos, não conseguem entender os filhos (e assim também os professores com os alunos). É Cristo quem faz vir à tona toda a minha humanidade, todo o meu desejo, porque, como diz Kierkegaard, “só quando aparece o objeto é que aparece o desejo”<sup>68</sup>.

<sup>65</sup> L. Giussani, “Em caminho”, in: *Passos Litterae Communionis* n. 5, jan/fev 2000, pp. III, VI, VIII.

<sup>66</sup> L. Giussani, *Acontecimento de liberdade*, Ed. Diel, Lisboa 2004, p. 145.

<sup>67</sup> J.L. Chrétien, *La Joie spacieuse*, Les Éditions de Minuit, Paris 2007, p. 196.

<sup>68</sup> S. Kierkegaard, *Don Giovanni*, M.A. Denti, Milão 1944, p. 87.

Portanto, o meu desejo, tão desproporcional às minhas forças, uma clareza tão poderosa sobre o que me falta, é o maior testemunho de Cristo, o sinal mais evidente da Sua contemporaneidade: não se trata de falar de Cristo, mas de um eu com esse desejo! Nós conhecemos muitas pessoas que falam de Cristo, mas quantos vocês conhecem que não são céticos, que até certa idade ainda mantém vivo um desejo de vida? Se isso testemunha a contemporaneidade de Cristo, então quando alguém vê uma coisa assim, sabe bem que a fé não é criação do homem! É impossível ao homem criar a fé, porque um homem assim despertado no próprio desejo é a coisa mais humanamente impossível. Uma coisa desse tipo o homem não podia nem sonhar; aliás, lhe parecia uma loucura. Por isso, a nossa humanidade despertada é a apologia maior de Cristo.

É isso que enche de admiração Isaac de Nínive: “Como é estupenda a meditação da tua constituição, ó homem! Mas mais estupendo é o mistério do teu despertar”<sup>69</sup>.

O despertar do eu mostra que Cristo não resolve o drama do eu eliminando o desejo humano, mas exaltando-o, aprofundando o senso do mistério. Que solução seria aquela que termina por achatar o desejo ou suprimi-lo? Pelo contrário, quem reconhece Cristo vê a sua humanidade levada para além de qualquer imaginação. Por isso, o aprofundamento do senso do mistério é o sinal da Sua presença.

Dizia um amigo durante um testemunho público: “Minha trajetória existencial dos últimos seis anos, cujo ponto principal de novidade posso descrever como a ‘explosão’ da desproporção estrutural, foi a radicalização da percepção da minha necessidade humana, de uma exigência de significado, quase lancinante em certos momentos, unida à percepção da impossibilidade humana de satisfazê-la e ao fracasso de tantas ilusões. A primeira coisa que quero lhes dizer é que olhar para Carrón nestes anos implicou que a minha exigência radical despertasse, antes de tudo que eu percebesse que havia reduzido toda a história precedente, que o meu despertar não dependia de ‘estudar’ *O senso religioso*, mas da convivência com o acontecimento de Cristo que alguns amigos me testemunhavam. O encontro com uma testemunha viva não me tornou inabalável, eu pensava que tornar-se maduro quisesse dizer um pouco a ataraxia. Ao invés, me vejo muito mais frágil, muito mais perturbado, muito mais vulnerável, muito mais abalado pela doença de alguém ou por um projeto que não se realiza, por um desejo que não se concretiza, pela angústia sobre a situação de um amigo e do mundo. A

<sup>69</sup> Isaac de Nínive, *Discorsi spirituali*, Qiqajon, Magnano (Bi) 2004, pp. 141-142.

ferida é muito mais radical do que antes (a ferida existencial, pessoal, psicológica), e as coisas e as pessoas me perturbam muito mais; porém, ao mesmo tempo, a coisa nova é que percebo que ninguém pode responder a essa vertigem a não ser Alguém não redutível à natureza. É a abertura para um Outro diferente de si. Isto é, percebi nestes anos, nesta convivência, o engano que é procurar preencher a pergunta humana com algo menor do que o que pode satisfazê-la, que pode muito bem ser vivida – sendo do Grupo Adulto – fielmente, como me parecia ter tentado viver nestes anos; mas a esperança humana não está em Cristo presente e se vivem como que vidas paralelas (o dualismo de que falamos com frequência): de um lado, você afirma Cristo e acha que reza, mas o critério de juízo que usa na relação com a realidade baseia-se em outra coisa. Se eu sou tão necessitado, não uma vez, mas todas as vezes preciso reencontrar essa Presença, se não encontro essa Presença não estou bem, e certos dias é mesmo uma percepção física, como se uma ferida me transpassasse o coração, e preciso ver os Seus fatos, porque esses fatos são o bálsamo do abismo que tenho dentro de mim. E assim aconteceu uma coisa estranha: a Presença desencadeou a percepção da minha desproporção, mas a desproporção me deixou em condição de ver essa Presença em coisas para as quais antes eu não ligava”.

É um reflorescimento, assim, do próprio eu, a verificação da fé e da vocação, diante da qual não se pode deixar de sentir admiração e uma infinita gratidão. Gratidão por quê? Porque Ele existe, porque Cristo existe e está presente. E quanto mais alguém descobre a própria necessidade, tanto mais percebe que essa necessidade não pode ser resolvida com um discurso, com a teoria certa, com a interpretação correta (nem mesmo a interpretação correta de Giussani), com as obras, com as iniciativas, com o trabalho, com a carreira, com certos relacionamentos afetivos. Não pode ser satisfeita com nada. Para encontrar a resposta a esse eu consciente, com toda a sua imponência de mistério, é preciso reencontrar a Sua presença, porque nada nos basta. Outra coisa não serve, e por isso ter relação com Ele é a única possibilidade de encontrar o que corresponde.

É somente com amigos assim que somos capazes de fazer uma leitura verdadeira das nossas necessidades. Havíamos dito esta manhã que muitas vezes nós reduzimos as necessidades. “O encontro, ao invés, liberta as suas necessidades, liberta-as da veia daquela interpretação redutora que tende a funcionalizar toda a pessoa em relação ao poder”<sup>70</sup>.

<sup>70</sup> L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 377.

Giussani insiste: “Agora, o encontro gera, suscita – se formos sinceros com o coração, se houver um mínimo de sinceridade – uma companhia diferente, que se opõe àquela da sociedade, uma companhia como a nossa! Nela a leitura das necessidades é transformada, a leitura que ela faz das necessidades vence a sugestão da sociedade, vence a sugestão do poder, daquilo que o poder lhe injeta; nesta companhia começamos a ler as necessidades segundo a verdade encontrada”<sup>71</sup>. E mais adiante acrescenta: “Então, o encontro, ‘instintivamente’, gera uma companhia diferente, uma afinidade com a pessoa que se encontra, com outros que a encontraram; assim nasce um grupo, nasce uma companhia, nasce um movimento. Nessa companhia, nesse movimento, as necessidades que se têm são lidas de um modo verdadeiro. E, por isso, se determina um contraste, esta companhia torna-se uma ‘polis paralela’; a pessoa começa a entender o que quer dizer relacionamento com a mulher, o que quer dizer relação de amizade, o que quer dizer relacionamento com o homem como tal, relação com o tempo, com o passado, com o erro, com o engano, o que quer dizer perdão. Em suma, começa a entender, a entender que antes não entendia, que os outros não entendem, e lhe vem uma compaixão por todos. É como se alguém tivesse vivido num bueiro, tivesse nascido e vivido ali, crendo que o mundo fosse o bueiro, e repentinamente saísse: ‘Ó meu Deus! É um outro mundo!’”<sup>72</sup>.

Como se gera um eu assim?

## 2. A geração do nosso rosto humano

Escutemos Dom Giussani: “O poder não pode impedir o despertar do eu no encontro, mas procura impedir que se torne história”<sup>73</sup>, isto é, que aja no decorrer do tempo, na duração, no permanecer do que foi despertado. E como age? Procurando reduzir os nossos desejos tão logo eles sejam despertados de novo pelo encontro. E quantas vezes nos surpreendemos voltando à situação de antes: “Basta ver que grandes rasgos de vazio se abrem no tecido cotidiano da nossa consciência e quão grande é a perda da memória”<sup>74</sup> encontrados em nós mesmos tantas vezes.

<sup>71</sup> *Ibidem*, pp. 362-263.

<sup>72</sup> *Ibidem*, p. 364.

<sup>73</sup> *Ibidem*, p. 247.

<sup>74</sup> L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., p. 11.

Para que a novidade introduzida pelo encontro se torne consistente, de modo que não somente não retornemos à situação de antes ou, pior, nos tornemos céticos, mas se aprofunde a percepção do nosso mistério, é preciso percorrer um caminho, um caminho fascinante, porque nada é tão fascinante quanto a descoberta das reais dimensões do nosso eu, nada é tão rico de surpreender quanto a descoberta do próprio rosto humano.

Impressiona ler as sugestões que Dom Giussani dava aos colegiais, anos atrás, para encorajá-los nessa aventura (me parece que serve também para nós): “Esperem um caminho, não um milagre que elimine as suas responsabilidades, que dispense o seu esforço, que torne mecânica a sua liberdade. Não! Não esperem isso. E essa é uma diferença profunda do caminho feito até agora: a diferença profunda é que você não poderá me seguir, não poderá nos seguir a não ser tentando compreender. Até agora pôde seguir mesmo sem entender, mesmo sem a tensão para compreender; agora não poderá mais nos seguir se não estiver propenso a entender. E até agora você pôde seguir sem amar nada; agora deverá começar a amar realmente, digo, a vida e o seu destino. De outro modo, se não estiver propenso a entender e se não estiver propenso a amar a vida e o destino, então nos deixará: somente nesse caso”<sup>75</sup>. Porque tudo diz o oposto, e se alguém não entender as razões do que faz, não durará, não se tornará história o que aconteceu conosco.

Então Giussani propõe um caminho, um empenho, não um milagre ou um mecanismo. Por trás do incômodo que tantas vezes aflora entre nós há esta confusão: pensamos sempre numa proposta que produza frutos sem esforço, sem envolver a nossa liberdade, sem empenhar a totalidade do nosso eu. Vejam o que diz Giussani (não achamos outro companheiro de caminho que nos descreva de modo tão autêntico, como se passasse um scanner sobre nós): “Efetivamente, de que dependem a aridez e a flacidez da convivência, da convivência das comunidades [pensem na Fraternidade, pensem nas famílias, pensem nos amigos], se não do fato de que pouquíssimas pessoas podem se dizer engajadas na experiência, na vida como experiência? É o descompromisso com a vida como experiência que nos faz ‘bater papo’ e não falar”<sup>76</sup>. Pensemos a certas cenas entre nós: que impressão teria alguém de fora a respeito do que realmente nos interessa?

Por isso destaca-se o alcance da sugestão de caminho que Dom Giussani nos propõe (e eu não tenho nada de diferente para propor):

<sup>75</sup> L. Giussani, Encontro nacional dos colegiais, Rímíni, 28-30 de setembro de 1982, Arquivo de CL.

<sup>76</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit, p. 130.

o caminho para a verdade é uma experiência presente, que confirma a utilidade da fé para responder às exigências e aos desejos que urgem em nós de um modo inextirpável e inexaurível. E todos sabem as dificuldades que temos: damos as nossas impressões, contamos coisas, damos as nossas opiniões, mas quantos estamos empenhados numa experiência verdadeira?

A dificuldade que enfrentamos hoje é a mesma encontrada por Giussani quando dizia: “Há trinta anos, quando comecei a dizer essas coisas, não pensava que, depois de trinta anos, deveria repeti-las tantas vezes para que as pessoas que já caminham na mesma estrada há dez anos! Por lerem as coisas, elas acreditam tê-las compreendido, vão em frente e não são sérias com as palavras usadas, não são sérias com a realidade que as palavras indicam; não se é sério com o sujeito que vive a realidade da qual é feita o seu tempo, a sua forma. Qual é o ponto de partida de uma indagação humana, de uma pesquisa sobre a verdade? O ponto de partida é a experiência. Não o que experimentamos, mas a experiência que fazemos julgada pelos critérios do coração, os quais, como critério, são infalíveis (infalíveis como critério, não como juízo: pode ser uma infabilidade mal aplicada). Os critérios são esses, não existem outros; ou os critérios são os do coração, ou somos alienados, vendidos no mercado da política ou da economia”<sup>77</sup>.

Dom Giussani nos adverte que se pode permanecer aparentemente no caminho sem fazer experiência: a ‘escada rolante’ está sempre à espreita... Se o nosso caminho e a nossa fé não se tornam experiência presente na qual encontramos a confirmação da conveniência humana da fé, não poderemos seguir e nem nos fazer companhia: “A experiência deve ser verdadeiramente isto, ou seja, julgada pela inteligência, de outro modo, a comunicação torna-se um tagarelar ou vomitar lamentos”<sup>78</sup>.

Por isso, a verificação se estamos fazendo experiência ou não é o crescimento do nosso eu, a sua maior consistência. E faz parte da experiência – sempre nos foi dito – “o fato do *dar-se conta de crescer*”<sup>79</sup>. E a pessoa toma consciência porque isso fica na memória, não se esquece mais: “A experiência é tutelada pela memória. Memória é proteger a experiência. A experiência está, portanto, sob custódia da memória, porque não posso dialogar com você se a minha experiência não está guardada em mim, protegida em mim como uma criança no seio da

<sup>77</sup> L. Giussani, *É possível (verdadeiramente) viver assim?*, Bur, Milão 1996, p. 83.

<sup>78</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 131.

<sup>79</sup> L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 87.

mãe, de tal modo que cresça em mim à medida que o tempo passa”<sup>80</sup>. Então, é assim que quando falamos podemos comunicar algo verdadeiramente verificado na experiência.

Se nós fazemos essa experiência, a fé pode gerar uma pessoa verdadeiramente consistente. “A consistência do próprio eu é uma experiência profundamente nova, é realmente o nascer de novo de Nicodemos. O milagre que deve acontecer é a consistência do próprio eu, quer dizer, da dignidade, a certeza do destino e a capacidade de operar de modo novo e mais humano”<sup>81</sup>.

Por isso é somente um caminho que gera a criatura nova, que Dom Giussani descreve assim: “Uma experiência diferente do sentimento de si, uma percepção diferente das coisas, uma emoção diferente da presença alheia, um ímpeto, uma densidade diferente nos relacionamentos, um gosto diferente na conturbada dinâmica do trabalho, um êxito que não era concebido nem imaginado antes”<sup>82</sup>. Se não acontecer isso, que interesse a fé terá para nós? Antes ou depois o desinteresse também vencerá em nós, mas não será – como dizemos muitas vezes – porque Cristo não cumpre a promessa que nos fez no encontro, mas porque nós reduzimos tudo a mecanismo, porque não estamos verdadeiramente empenhados na verificação da experiência! E sem isso eu não tenho um rosto.

É impressionante o trecho final de um poema de Rimbaud: “Todos os que se encontraram comigo é como se não tivessem me visto”<sup>83</sup>. Você se depara com alguém sem rosto. Ao invés, ser presença significa ter um rosto, e a fé é o que torna o rosto significativo.

A força da nossa presença é a fé, mas a fé vivida como experiência presente, e então se torna uma presença que não se esquece: “O que não pode ser esquecido? [...] O que não deixa margem para o esquecimento [...], o que por si mesmo e quase antecipadamente é resplandecente de uma clareza que nada pode apagar ou encobrir”<sup>84</sup>.

### 3. *Ubi fides, ibi libertas* (Santo Ambrósio)

Se o indivíduo não tem consistência, se a sua personalidade é esvaziata, fica à mercê das forças mais descontroladas do instinto e do

<sup>80</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit, p. 131.

<sup>81</sup> L. Giussani, Conselho Nacional de CL, Milão, 9-10 de fevereiro de 1985, Arquivo de CL.

<sup>82</sup> *La fede oggi*, Encontro de Dom Giussani com os adultos de CL. Turim, 13 de junho de 1981, Arquivo de CL.

<sup>83</sup> Cf. A. Rimbaud, “Una stagione in inferno”, in: *Opere*, Mondadori, Milão 1975, p. 219.

<sup>84</sup> J. L. Chretien, *L'insperabile e l'indimenticabile*, Cittadella Editrice, Assis 2008, . 123.

poder: é a perda da liberdade (termina assim o oitavo capítulo de *O senso religioso*).

Hoje nos encontramos frente a um desejo enorme de liberdade, mas ao mesmo tempo constatamos a incapacidade de sermos verdadeiramente livres, ou seja, nós mesmos, na realidade. É como se, de fato, cada um se dobrasse ao que se espera de nós em cada circunstância: assim a pessoa tem uma face no trabalho, outra com os amigos, outra em casa... Mas onde somos verdadeiramente nós mesmos? Para não dizer quantas vezes a pessoa se sente sufocada pelas circunstâncias da vida cotidiana, sem a mínima ideia de como se libertar, a não ser esperando a mudança das circunstâncias (essa, muitas vezes, parece ser o único caminho de libertação que conseguimos conceber). No fim, a pessoa se vê bloqueada, sonhando com uma liberdade que não chega nunca. Num momento histórico em que se fala tanto de liberdade, assistimos ao paradoxo da sua falta, da sua ausência.

Portanto, o fato de a liberdade hoje ser um bem tão escasso, tão raro, é uma outra documentação da falta de uma experiência real da fé, segundo o grande moto de Santo Ambrósio: “*Ubi fides, ibi libertas*”<sup>85</sup> (onde há fé há liberdade).

Por isso a liberdade é o sinal mais precioso e potente da fé, e é aí que nós podemos verificar de verdade se estamos fazendo uma experiência de fé capaz de resistir num mundo onde tudo – mas tudo mesmo! – diz o contrário, o oposto. Mas nós entendemos que tipo de desafio temos de encarar? Se nós, nessa realidade, não temos um rosto e não temos uma consistência, a nossa fé não poderá resistir na história, seremos banidos!

Qual é a condição da liberdade? Em qual condição tem sentido falar de liberdade, de irredutibilidade do eu, de consistência? Apenas num caso: “Há somente um caso em que esse ponto – que é o homem individual – é livre do mundo inteiro, é livre, e nem o mundo inteiro, nem o universo inteiro podem obrigá-lo. Em apenas um caso essa imagem de homem livre é explicável: se supusermos que aquele ponto [do Ícaro que nós somos] não seja totalmente constituído pela biologia de seu pai e de sua mãe, mas possua algo que não derive da tradição biológica de seus antecedentes mecânicos, que seja *relação direta com o infinito*, relação direta com a origem de todo o fluxo do mundo [...]. Somente na hipótese de que haja em mim essa relação, o mundo pode fazer de mim o que quiser, mas não me vence, não me induz, não me agarra; eu sou

<sup>85</sup> Santo Ambrósio, *Epístolas*, 65, 5.

maior, sou *livre*. [...] Eis o *paradoxo*: a liberdade é a dependência de Deus. É um paradoxo, mas muito claro. O homem – o homem concreto, eu, você – não existia, agora existe, amanhã não existirá mais: portanto, depende. Ou depende do fluxo de seus antecedentes materiais, e é escravo do poder, ou depende daquilo que está na origem do fluxo das coisas, *além delas*, isto é, de Deus. A liberdade se identifica com a dependência de Deus em nível humano, isto é, reconhecida e vivida. Ao passo que a escravidão é negar ou censurar essa relação. A consciência vivida dessa relação chama-se religiosidade. A liberdade está na religiosidade! Por isso, o único obstáculo, o único limite, a única fronteira à ditadura do homem sobre o homem – quer se trate de homem ou de mulher, de pais e filhos, de governo e cidadãos, de patrões e empregados, de chefes de partido e estruturas nas quais as pessoas prestam serviços – o único obstáculo e a única fronteira, a única objeção à escravidão do poder – a *única* – é a religiosidade”<sup>86</sup>.

Vejam quantas vezes nós sonhamos alcançar a liberdade e nos comparamos seriamente com o que Dom Giussani diz submetendo-o à verificação da experiência: “Por essa razão, quem tem o poder [...] é tentado a odiar a religiosidade verdadeira, a menos que seja profundamente religioso [...] porque [a religiosidade autêntica] é o limite à posse, é desafio à posse”<sup>87</sup>.

E ainda: “A fé é o gesto fundamental de liberdade, e a oração é a constante educação do coração e do espírito à autenticidade humana, à liberdade: porque fé e oração são o reconhecimento pleno daquela Presença que é o meu destino, e a minha liberdade está em depender dela”<sup>88</sup>.

Mas como é possível viver em todas as circunstâncias a religiosidade, a relação com o Mistério, que me torna irreduzível a qualquer poder? É preciso que o homem adira sempre ao Mistério do qual depende. Eu sempre fiquei marcado por essa pergunta, muitas vezes evocada por Dom Giussani: como o homem pode ter a consciência clara e a energia afetiva para aderir ao Mistério, se esse Mistério permanece mistério? Como pode o objeto ainda obscuro e misterioso despertar a energia da liberdade para realizá-la?

Enquanto o objeto for obscuro, cada um pode imaginar aquilo que quiser e pode determinar-se, em sua relação com esse objeto, como

<sup>86</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit, p. 141.

<sup>87</sup> *Ibidem*, p. 141.

<sup>88</sup> *Ibidem*, p. 137.

mais lhe agradar. Pensem na experiência amorosa: a pessoa deseja amar e ser amada, mas enquanto o rosto é desconhecido, o que fazemos? Aquilo que queremos. Somente quando o rosto aparece é que introduz realmente uma possibilidade de magnetizar o eu. Porque eu sei que desejo o infinito, que esse infinito existe porque sempre tenho saudade dele – como dizia Lagerkvist – mas todos os dias me agarro a um detalhe, vou atrás de qualquer objeto, que depois me deixa insatisfeito. E esse é o destino do homem, a menos que aconteça a hipótese de que fala Wittgenstein: “Você precisa de redenção, do contrário se perde [...]. É preciso que entre uma luz, por assim dizer, através do telhado, o teto sob o qual trabalho e ao qual não desejo subir. [...] Essa tensão para o absoluto que faz parecer por demais mesquinha qualquer felicidade terrena... me parece estupenda, sublime, mas eu fixo o meu olhar em coisas terrenas, a menos que ‘Deus’ me visite”<sup>89</sup>.

Por isso é preciso que o Mistério se torne companheiro experimentável, que Deus nos visite. Foi necessário que o Mistério se fizesse companheiro da vida do homem para que no mundo entrasse uma experiência completa da liberdade. Só quando o Mistério, como a pessoa amada, desvela o Seu rosto e me atrai totalmente, me magnetiza, que posso ter a clareza e a energia afetiva para aderir, isto é, para empenhar toda a minha liberdade.

Com Jesus o Mistério se tornou – digo numa frase insuperável de Dom Giussani – “uma presença afetivamente atraente”<sup>90</sup>, a ponto de acender o desejo humano e desafiar como nenhum outro a sua liberdade, isto é, a sua capacidade de adesão. Ao homem, basta ceder à atração vencedora da Sua pessoa, à Sua atratividade, como ocorre com o homem apaixonado: é a presença fascinante da pessoa amada que desperta nele toda a sua energia afetiva. Basta ceder ao fascínio de quem está à sua frente. Por isso dizia Betocchi: “É preciso um homem, / não é necessária a sabedoria, / o que se precisa é de um homem / em espírito e verdade; / não de um lugar, não de coisas, / necessitamos de um homem, / de um passo seguro e de uma mão firme estendida, / de modo que todos possam segurá-la e caminhar / livres e salvos”<sup>91</sup>.

E, como a pessoa amada, eu descubro o Mistério presente por um encontro imprevisto, surpreendente, como foi para João e André: desde

<sup>89</sup> L. Wittgenstein, *Movimenti di pensiero*, Quodlibet, Macerata 1999, p. 85.

<sup>90</sup> L. Giussani, *L'autocoscienza del cosmo*, Bur, Milão 2000, p. 247.

<sup>91</sup> C. Betocchi, “Ciò che occorre è un uomo”, in C. Betocchi, *Dal definitivo istante*, Bur, Milão 1999, p. 146.

que O encontraram ficaram tomados pelo resto de suas vidas, porque a liberdade deles fora tão desafiada pela Sua excepcionalidade única que não puderam mais ir adiante sem levar em conta essa Pessoa. A liberdade daqueles que o haviam encontrado teve n'Ele um cumprimento sem comparação: o cêntuplo aqui, isto é, uma satisfação cem vezes maior. Se não encontramos uma satisfação cem vezes maior, por que deveria ser razoável segui-Lo? Não resistiríamos muito tempo se não fosse por uma satisfação, uma satisfação cem vezes maior, como antecipação daquela plena. E demonstra-se que os discípulos não eram visionários pelo fato de que permaneceram, do contrário eles também teriam se perdido depois de pouco tempo.

“*Caro cardo salutis*”<sup>92</sup>, como diz agudamente Tertuliano: a carne, o Verbo feito carne é o eixo da salvação. E com isso chegamos ao ponto mais agudo do drama com o qual cada um de nós se defronta. Então, se é assim, se Cristo é essa presença atraente, tão correspondente às nossas exigências mais profundas, pareceria normal que cedêssemos à Sua atração; é tão correspondente que pareceria quase óbvio. Mas – de novo – uma atenção à experiência nos mostra que não é assim.

Por que em muitas ocasiões sentimos uma resistência tão visceral a deixar-nos atrair por Ele? Não é apenas fraqueza, embora a tenhamos de fato; é substancialmente uma sensação de perder-se que nos impede de ceder. Mas como é que nós carregamos essa sensação de nos perder, quando na realidade é só cedendo à Sua atratividade que nos ganharemos? É o efeito do pecado sobre nós. O pecado introduziu algo de estranho que desfocou a percepção de nós mesmos e de Deus, fazendo com que Deus apareça aos nossos olhos como uma espécie de adversário da nossa realização, tanto é verdade que pensamos que ao ceder a Ele nós nos perdemos, e por isso precisamos manter uma certa distância. E desse drama nem mesmo Jesus, verdadeiro homem, foi poupado; aliás, justamente porque Ele o enfrentou é que pôde vencê-lo.

Escreve Bento XVI: “A vontade humana, segundo a criação, tende para a sinergia (a cooperação) com a vontade de Deus, mas, por causa do pecado, a sinergia transformou-se em oposição. O homem, cuja vontade se realiza aderindo à vontade de Deus, agora sente a sua liberdade ameaçada pela vontade de Deus. Vê, no ‘sim’ à vontade de Deus, não a possibilidade de ser plenamente ele mesmo, mas a ameaça para a sua liberdade, contra a qual opõe resistência. O drama do monte das Oliveiras consiste no fato de a vontade natural do homem ser reconduzida

<sup>92</sup> Tertuliano, *De resurrectione mortuorum*, VIII, 6-7.

por Jesus [...] na sua grandeza. Na vontade humana natural de Jesus está [...] presente toda a resistência da natureza humana contra Deus. A obstinação de todos nós, toda a oposição contra Deus está presente, e Jesus, lutando, arrasta a natureza recalcitrante para o alto, para a sua verdadeira essência. [...] A oração: ‘não se faça a minha vontade, mas a Tua’ (Lc 22,42) é verdadeiramente uma oração do Filho ao Pai, na qual a vontade humana natural foi totalmente arrastada para dentro do Eu do Filho, cuja essência se exprime precisamente no ‘não Eu, mas Tu’, no abandono total do Eu ao Tu de Deus Pai. Mas, este ‘Eu’ acolheu em si a oposição da humanidade e transformou-a, de tal modo que agora, na obediência do Filho, estamos presentes todos nós, somos todos arrastados para dentro da condição de filhos”<sup>93</sup>.

O Papa reiterou isso na Quarta-Feira Santa: “O homem em si é tentado a opor-se à vontade de Deus, a ter a intenção de seguir a própria vontade, de se sentir livre unicamente se é autônomo; opõe a própria autonomia contra a heteronomia de seguir a vontade de Deus. Eis o drama da humanidade. Mas na verdade esta autonomia é errada e este entrar na vontade de Deus não é uma oposição a si, não é uma escravidão que violenta a minha vontade, mas é entrar na verdade e no amor, no bem. E Jesus puxa a nossa vontade, que se opõe à vontade de Deus, que procura a autonomia, puxa esta nossa vontade para o alto, rumo à vontade de Deus. Este é o drama da nossa redenção, que Jesus puxa para o alto a nossa vontade, toda a nossa repulsa à vontade de Deus e a nossa repulsa à morte e ao pecado, e une-a à vontade do Pai: ‘Não seja feita a *minha* vontade, mas a *Tua*’. Nesta transformação do ‘não’ em ‘sim’, nesta inserção da vontade criatural na vontade do Pai, Ele transforma a humanidade e redime-nos. E convida-nos a entrar neste seu movimento: sair do nosso ‘não’ e entrar no ‘sim’ do Filho. A minha vontade existe, mas é decisiva a vontade do Pai, porque esta é a verdade e o amor”<sup>94</sup>.

Esse é o preço da nossa redenção. Não se trata de jogo de palavras!

Mas como esse puxar para o alto, como essa luta contra a nossa resistência, contra a nossa decadência, continua? A única possibilidade é que o cristianismo continue a acontecer como um acontecimento presente. Sem o contínuo acontecer de novo do Acontecimento cristão não há possibilidade de uma liberdade real; por isso a Sua permanência é o sinal da Sua verdade; como verdade, ele perdura. E esse é o alcance do

<sup>93</sup> Bento XVI, *Jesus de Nazaré, Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*, op. cit., pp. 149-150.

<sup>94</sup> Bento XVI, *Audiência geral*, 20 de abril de 2011.

nosso Cartaz de Páscoa: se Cristo não ressuscitou e não pode permanecer presente, é vã a nossa fé. Podemos escolher qualquer coisa que seja útil, do patrimônio de Jesus, mas isso significa que estamos entregues a nós mesmos: “Somente se Jesus ressuscitou é que aconteceu algo de verdadeiramente novo, que muda o mundo e a situação do homem. Então Ele, Jesus, torna-Se o critério em que nos podemos fiar; porque, então, Deus manifestou-Se verdadeiramente”<sup>95</sup>.

Para que isso se torne não algo já sabido, mas se torne constantemente uma experiência – nos diz Dom Giussani –, para que “o que se sabe ou o que se tem converta-se em experiência é preciso que aquilo que se sabe ou se tem, seja algo que nos é dado agora, que haja uma mão que no-lo oferece agora, que haja um rosto que vem avançando agora, que haja sangue que se derrama agora, que haja uma ressurreição que tem lugar agora. Fora deste ‘agora’ não existe nada!”<sup>96</sup>. Que força adquiram essas palavras diante do que acabamos de descrever! Porque o nosso eu não pode ser movido, comovido, ou seja, mudado, a não ser por uma contemporaneidade, por um acontecimento. Cristo é algo que está me acontecendo. Então, para que aquilo que sabemos, Cristo, seja experiência, é necessário que seja um presente que nos provoca e percebe, um presente como foi para André e para João.

O que é a mão que se estende agora? Deparei-me com esse impressionante texto de 1997: “O mundo humano não precisa de nada mais a não ser do *povo novo*, dessa companhia que é o fluxo de vida que percorre o deserto do mundo. Mas este povo e esta companhia são feitos apenas de quem é profeta. Quero falar daquilo que poderia parecer somente um pormenor. Qual é o fator mais importante na realidade de povo à qual somos chamados, na realidade de companhia da qual participamos, no lugar da profecia e do grito de que tudo é Deus? Qual é o verdadeiro lugar do senso religioso? O fator mais importante na realidade de um povo é o que chamamos *autoridade*. É profundamente necessário que nós destruamos até a última pedra a imagem robotizada de autoridade ou de guia, quase como se estes fossem indivíduos fechados dentro de uma torre da qual lançam sinais, da qual guiam o andamento das coisas. A autoridade, o guia, é o contrário do poder, não existe nela nem uma vírgula da palavra poder. Por isso, diante do conceito de autoridade, está completamente ausente no povo de Deus, em qualquer

<sup>95</sup> Bento XVI, *Cartaz de Páscoa*, Comunhão e Libertação 2011, de *Jesus de Nazaré...*, op. cit., p. 218.

<sup>96</sup> Cf. L. Giussani, *Cartaz de Páscoa*, Comunhão e Libertação 2011.

nível, qualquer reflexo de temor. Ao poder corresponde o temor, e a pessoa, para se libertar do temor, deve estar pouco se importando com o poder. O que é esta autoridade? É o lugar (você também é um lugar, uma pessoa também é um lugar) onde a luta da profecia e a verificação da profecia são vividas; onde se desenvolve a luta para afirmar – e a verificação para confirmar – a resposta que a proposta de Cristo é para a percepção do coração; onde Cristo é experimentado como a resposta às exigências do coração. É o lugar onde o senso religioso (o senso religioso consiste nas exigências do coração que acusam a resposta que têm na sua frente) é mais límpido e mais simples; por isto, a resposta não provoca temor, é mais pacífica. Pasolini diz em um texto que a pessoa educa os jovens com o seu ser, não com os seus discursos. A autoridade é o lugar onde o nexó entre as exigências do coração e a resposta dada por Cristo é mais límpido e mais simples, mais pacífico. *A autoridade é um ser*, não uma fonte de discursos. O discurso também é parte da consistência do ser, mas somente como reflexo. Enfim, a autoridade é uma pessoa vendo a qual se vê que o que Cristo diz corresponde ao coração. O povo é guiado por isto. O problema, então, é seguir. Isto é melhor indicado pela palavra *filiação*: uma pessoa é filha da autoridade<sup>97</sup>.

Por isso Dom Giussani sempre nos ensinou que a primeira coisa que devemos pedir é que haja sempre autoridade, pessoas assim; porque somente se Ele nos der pessoas assim, com essa limpidez em viver a religiosidade, é que podemos ter diante de nós pessoas a quem podemos seguir, e essa poderá ser a nossa contribuição para sair da confusão.

Somente homens assim podem se tornar verdadeiramente instrumento na missão, “porque o Movimento só nasce, se estabelece e frutifica como pessoa: a minha, a sua, sozinhos ou juntos, não importa; é desígnio de Deus fazer-me a surpresa de um irmão ou de um companheiro. O Movimento começa, se estabelece e é nas mãos de Deus instrumento de uma missão, mas só e através dessa minha fé, da experiência da vida como fé, que define a minha pessoa, que modela o meu rosto<sup>98</sup>”.

<sup>97</sup> L. Giussani, “Ninguém gera se não é gerado”, in: “Litterae Communionis”, n.58 jul/ago 1997, p. 24.

<sup>98</sup> *La fede oggi*, op. cit., Arquivo de CL.

## AVISOS

### Julián Carrón

O trabalho que estamos fazendo juntos na Escola de Comunidade é uma grande ajuda também para se entender o valor do Fundo comum. Como sempre nos ensinou Dom Giussani, o Fundo comum é o instrumento para nos educar para a pobreza, e que não é antes de tudo uma generosidade, mas a relação correta com as coisas. Por isso, não é um detalhe sem sentido; ele sempre nos alertou para isso.

Escreve-me uma amiga: “Caríssimos amigos da Fraternidade, é um pequeno aumento da cota do Fundo comum, que não se compara com a graça recebida este ano na caminhada da nossa experiência. O desejo de estar mais presente, a exigência constante de ser mais fiel ao trabalho e a entrega mais consciente a Jesus, tal como se manifesta na realidade cotidiana, me fizeram descobrir uma humanidade nova, que eu não acreditava possível para mim mesma. Sou muito grata por isso”. Se o Fundo comum não nasce dessa gratidão, não durará, não resistirá num mundo no qual tudo, mas tudo mesmo, diz o oposto: “Façamos o que queremos com o nosso dinheiro”.

O Fundo comum não é um problema de dinheiro, mas algo educativo, por isso o apelo a essa liberdade.

Fiquei impressionado com um fato que me contaram: um grupo de universitários do Brasil foi a uma região atingida pela enchente, próxima do Rio de Janeiro, onde trabalharam duro para fazer a limpeza das igrejas; durante uma assembleia, alguns testemunharam a descoberta feita durante aqueles dias, isto é, que se pode ter a ideia de que a caritativa é uma coisa muito boa, mas sem viver o amor à caridade. Pode-se dizer o mesmo do Fundo comum: pode-se ter o conceito de que ele é uma educação para a pobreza, mas não vivê-lo por Cristo; e se não é por Cristo, permanece como uma regra abstrata.

Este amigo testemunha que o Fundo comum é para Cristo: “Caríssimo Julián, com grande entusiasmo fiz hoje um pequenino gesto, mas que para mim é vital, sinal da vitória de Cristo inclusive sobre as minhas preocupações e resistências. Ao atualizar a ficha biográfica no site da Fraternidade, solicitei o boleto para poder recomeçar a pagar o Fundo comum, que há cinco anos eu não pagava. Com o trabalho de Escola de Comunidade finalmente levado a sério, não pude mais viver uma vida paralela [essa é a documentação de que algo se move em nosso eu, se fazemos a Escola de Comunidade como Deus a determina. E qual é o desejo que foi despertado?]. O desejo de que o critério do Movimento,

que reconheci como fascinante, seja o critério para olhar tudo o que acontece na minha vida, e então entendo que até as dificuldades econômicas não são objeções para que também eu possa, na minha pequenez, contribuir para a vitória de Cristo no mundo. Obrigado porque entendi que, com Cristo, ou damos tudo ou é como se não desse nada. A contribuição que dou mensalmente não é muito grande, mas me comprometo, tão logo seja possível, aumentar a minha cota”.

Esse juízo sobre o Fundo comum estabelece também uma graduação de importância das respostas às várias solicitações que recebemos. Antes de tudo, a primeira coisa a ter presente é o Fundo comum da Fraternidade, porque é o lugar educativo fundamental que nos leva a pensar no motivo pelo qual contribuímos; depois vêm as necessidades concretas da comunidade onde vivemos; e, enfim, as necessidades que Deus põe diante de nós como provocação, segundo o discernimento que cada um deve realizar.

Esse gesto é tão pessoal que é sinal de uma liberdade do eu em ação: alguém pode dar ou simplesmente oferecer a dor de não poder contribuir como gostaria.

Entre outros testemunhos que chegaram não posso deixar de mencionar o que escreve uma pessoa que foi apoiada pela Fraternidade (dentre os muitos que conseguimos ajudar): “Fiquei muito impressionada quando vocês pediram notícias nossas, para saber se tínhamos alguma necessidade, se ainda era necessária uma ajuda econômica, como já tinha sido feito. Pensar que vocês se lembravam de nós, que rezavam por nós, que se interessavam pelo nosso caminho, é de fato um grande sinal de carinho, da ternura que Jesus nutre por mim. Ao agradecer-lhes do fundo do coração, digo-lhes que de várias maneiras o Senhor se fez próximo da nossa necessidade nestes anos, sobretudo por meio dos rostos, das mãos, do tempo dos amigos da Fraternidade, e que misteriosamente a nossa vida decorre, se desenrola na serenidade, numa caminhada que todos os dias me ensina a confiar e a me entregar a Ele”.

A revista *Passos* é uma ajuda na formação do juízo sobre os fatos que acontecem e é o único instrumento, além do site oficial de CL, pelo qual nos sentimos responsáveis. Indico-lhes também o site de *Passos*, que há pouco foi reformulado.

Toda a riqueza que outras pessoas e instrumentos expressam é fruto da liberdade deles e de suas tentativas, que serão cada vez mais ricas e úteis para todos na medida em que neles esteja viva, hoje, a experiência que os colocou em movimento no início.

Antes de partir, leio o telegrama que enviamos a Bento XVI: “Santo Padre, vinte e seis mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rimini para os anuais Exercícios Espirituais, concluídos antecipadamente, partiram em direção a Roma para se unir a Vossa Santidade, que quis indicar a todos os batizados e ao mundo inteiro o Beato João Paulo II como exemplo do que Cristo pode fazer quando um homem se deixa cativar por Ele. Nestes dias, aprofundamos a consciência de que ‘se uma pessoa está em Cristo é uma criatura nova’ e que Ele é verdadeiramente útil para a caminhada do homem na sua relação com as coisas e as pessoas. Fizemos de novo experiência de que o encontro com Cristo ressuscitado reanimou e potencializou o sentido original da nossa dependência do Mistério e o núcleo original de evidências e exigências originais (de verdade, justiça, felicidade, amor), que Dom Giussani chama ‘senso religioso’. Maravilhados com os sinais de despertar humano que vemos acontecer em nós e em nossos amigos, estamos certos de que o evento cristão salva o humano das consequências da atitude irracional frente às perguntas fundamentais do coração. Bem conscientes da enorme dívida de reconhecimento que a nossa Fraternidade tem em relação a João Paulo II, chegamos a Roma como peregrinos que na Vossa pessoa, rocha que se levanta frente ao mundo, encontram segurança para a própria caminhada de fé, certos de que em Vós podemos confiar”.

## **SANTA MISSA**

*(At 2,42-47; Sl 117,2-4.13-15.22-24; 1Pd 1,3-9; Jo 20,19-31)*

### **HOMILIA DO PADRE JAVIER PRADES**

Na liturgia do Segundo Domingo de Páscoa, que estamos celebrando, a Igreja nos propõe a festa da Divina Misericórdia. É esse um novo motivo para agradecer ao próximo beato João Paulo II, que instituiu esta festa.

Acabamos de repetir juntos as palavras do salmo 117: “Dai graças ao Senhor porque Ele é bom, Seu amor é para sempre”. Para poder captar a vibração, o sentimento do real que o salmista expressou na frase “Agradecemos a Deus porque Ele é bom, Seu amor é para sempre”, devemos ouvir – ainda que por um momento – o quanto é profunda em nós essa exigência do “para sempre” em todas as dimensões do nosso viver, mas sobretudo na experiência afetiva. Nunca houve uma nossa experiência afetiva que tenha preenchido o coração sem haver dentro

esse “para sempre”: amar “para sempre”, ser amado “para sempre”. O coração só respira quando a pessoa vive pessoalmente essa dimensão. Mas não podemos deixar de reconhecer que muitas vezes, na vida, nos surpreendemos pensando: “Mas aquela pessoa será que ainda me quer bem, depois do que eu lhe fiz?”, ou “Mas eu ainda poderei querer bem a ela, depois do que ela me fez?”; e isso ocorre com os amigos, com os colegas de trabalho, entre marido e mulher, entre pais e filhos. Nós, que temos essa constitutiva exigência do “para sempre” no amor, percebemos que em nossa fragilidade afetiva tal exigência parece frequentemente inalcançável.

Somente quem capta profundamente a tensão entre esses dois aspectos pode entender a consciência com que São Pedro pôde proclamar hoje: “Bendigamos a Deus que em Sua grande misericórdia nos regenerou”. Utiliza uma palavra muito forte, “regenerar”, fazer nascer de novo, a ponto de podermos nos sentir renascidos agora: inclusive aquele que estava morto, ou seja, que era cínico, cético. “Em Sua grande misericórdia nos regenerou”. A grande misericórdia de Deus torna possível, para nós, a experiência de um amor “para sempre”. O que Pedro diz é muito semelhante ao que diz Paulo quando fala da criatura nova.

Dom Giussani nos lembrou várias vezes que a palavra “misericórdia” por si mesma deveria ser cancelada do vocabulário, porque é impossível dar-lhe pleno significado a partir das nossas forças. Quem conheceu a misericórdia é re-generado, arrancado do nada, poderíamos dizer existencialmente, para renascer. E o sinal dessa misericórdia em ato, o sinal deste ter renascido é indicado claramente pela liturgia de hoje, que fala diversas vezes de “uma alegria indizível”, como proclamou o próprio Pedro e como dizem os Atos dos Apóstolos e São João. Todas as leituras de hoje concordam que essa alegria é o sinal inconfundível, o traço inconfundível de quem fez a experiência da misericórdia. Nós o conhecemos bem em nossa vida, porque sempre nos alegramos desde que fomos abraçados de modo a renascer. Nunca percamos de vista as pessoas que refletem em seus rostos essa alegria indizível. Essa alegria é tão excepcional que quando alguém a vê fica tocado; e vai atrás das pessoas que a vivem – que nós conhecemos porque estão entre nós –, que a testemunham: são aquelas pessoas junto às quais, mesmo sendo pobrezinhas, podemos bem dizer com o Salmo – segundo aquele acento que se tornou familiar com o passar dos anos: “Minha força e meu canto é o Senhor”.

## MENSAGENS RECEBIDAS

Caríssimos,

por ocasião dos anuais Exercícios espirituais quero estar presente convosco, na oração e com afeto, para renovar o vínculo de comunhão.

“Estar em Cristo”, a que repetidamente São Paulo nos convida antes de tudo pelo seu testemunho pessoal, é a melhor identificação da existência cristã. O cristão, de fato, para além dos seus limites e das suas fragilidades, vive cada ato como invocação da presença do Senhor Jesus expressa com toda a mente, com todo o coração, com todas as suas forças. É o que nos ensina também uma bela oração da nossa tradição na qual pedimos ao Senhor que Ele inspire cada nossa ação e a acompanhe com a Sua ajuda, a fim de que o que n’Ele começou, n’Ele termine.

O fascínio do carisma de Monsenhor Giussani consiste justamente em propor aos homens e às mulheres de qualquer época que na vitória de Cristo Ressuscitado acontece uma mudança de vida. Ele renova a relação com Deus, com os outros e consigo mesmo e nos abre com humilde coragem para a realidade inteira.

Como nos repete com frequência Bento XVI, ser testemunha dessa vertiginosa posição humana é, ao mesmo tempo, uma grande alegria e uma séria responsabilidade. Como não reconhecer na iminente beatificação de João Paulo II o fascínio de ser testemunha?

A todos a minha bênção.

*S.E.R. cardeal Angelo Scola*  
*Patriarca de Veneza*

Caro padre Julián,

na vigília da Beatificação do Servo de Deus João Paulo II saúdo todos os amigos da Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rímíni para os Exercícios espirituais. Que alegria experimentamos todos nós quando Dom Giussani nos falava com entusiasmo da eleição para Papa do cardeal Karol Wojtyła e como ficamos confirmados no carisma quando, com um acento de incomparável certeza, o Papa disse: “Cristo, centro do cosmo e da história”. Sua beatificação nos convence do fato de que no encontro com Cristo a vida pode realizar-se plenamente hoje.

Cristo salva o Senso Religioso. Escrevo-lhes para manifestar a minha gratidão pelo caminho que o Senhor está levando o Movimento a fazer neste momento, numa provocação constante do fascínio da contemporaneidade de Cristo e trabalho da nossa liberdade. Envio-lhes de coração a minha saudação, acompanhada da prece a Nossa Senhora Aparecida.

*S.E.R. dom Filippo Santoro*  
*Bispo de Petrópolis*

## TELEGRAMAS ENVIADOS

*Sua Santidade*  
*Bento XVI*

Santo Padre, vinte e seis mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rimini para os anuais Exercícios Espirituais, concluídos antecipadamente, partiram em direção a Roma para se unir a Vossa Santidade, que quis indicar a todos os batizados e ao mundo inteiro o Beato João Paulo II como exemplo do que Cristo pode fazer quando um homem se deixa cativar por Ele. Nestes dias, aprofundamos a consciência de que ‘se uma pessoa está em Cristo é uma criatura nova’ e que Ele é verdadeiramente útil para a caminhada do homem na sua relação com as coisas e as pessoas. Fizemos de novo experiência de que o encontro com Cristo ressuscitado reanimou e potencializou o sentido original da nossa dependência do Mistério e o núcleo original de evidências e exigências originais (de verdade, justiça, felicidade, amor), que Dom Giussani chama ‘senso religioso’. Maravilhados com os sinais de despertar humano que vemos acontecer em nós e em nossos amigos, estamos certos de que o evento cristão salva o humano das consequências da atitude irracional frente às perguntas fundamentais do coração. Bem conscientes da enorme dívida de reconhecimento que a nossa Fraternidade tem em relação a João Paulo II, chegamos a Roma como peregrinos que na Vossa pessoa, rocha que se levanta frente ao mundo, encontram segurança para a própria caminhada de fé, certos de que em Vós podemos confiar

Pe. Julián Carrón

*S.E.R. cardeal Tarcisio Bertone*  
*Secretário de Estado de Sua Santidade*

Vinte e seis mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rimini para os Exercícios espirituais anuais, sobre o tema “Se alguém está em Cristo é uma criatura nova”, são gratos pela mensagem enviada em nome do Santo Padre. Terminado antecipadamente o retiro, vamos a Roma para nos unir a Bento XVI e à Igreja universal em agradecimento a Deus que no beato João Paulo II nos deu

uma testemunha tão autêntica de Cristo salvador do mundo. Com filial devoção,

Pe. Julián Carrón

A S.E.R. cardeal Angelo Bagnasco  
Presidente da Conferência Episcopal Italiana

Eminência caríssima, 26 mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rímimi para os Exercícios espirituais anuais, sobre o tema “Se alguém está em Cristo é uma criatura nova”, concluíram antecipadamente o retiro para estarem todos em Roma para unir-se a Bento XVI que decidiu indicar a todo o mundo o beato João Paulo II como exemplo do que Cristo pode fazer quando um homem se deixa levar por Ele. Na fidelidade ao carisma de Dom Giussani, continuamos a testemunhar a novidade de vida que Cristo faz florescer nós e entre nós, para o bem de todo o povo que vive na Itália.

Pe. Julián Carrón

*S.E.R. cardeal Stanislaw Rylko*  
*Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos*

Eminência caríssima, 26 mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rímimi para os anuais Exercícios espirituais, sobre o tema “Se alguém está em Cristo é uma criatura nova”, encerrados antecipadamente, estão de partida para Roma para se unir a milhares de amigos do Movimento e a toda a Igreja no dia em que Bento XVI beatifica o nosso grande Papa João Paulo II, que reconheceu a nossa Fraternidade como estrada para a santidade de cada um de nós. Fiéis ao carisma de Dom Giussani e ao mandato missionário do beato João Paulo II – “Ide a todo o mundo levando a verdade, a beleza e a paz, que se encontram em Cristo Redentor” – oramos a Nossa Senhora Negra para que guarde o seu serviço a Pedro para o bem dos fiéis leigos.

Pe. Julián Carrón

*S.E.R. dom Filippo Santoro*  
*Bispo de Petrópolis*

Excelência caríssima, suas palavras nos confirmam na consciência da dívida que todo o Movimento tem com o novo Beato e nos tornam ainda mais conscientes da responsabilidade de testemunhar em todo o mundo que “se alguém está em Cristo é uma criatura nova”, renovando a fidelidade ao mandato missionário de João Paulo II, em 1984, que Dom Giussani nos indicou como a missão da nossa companhia e que você foi um dos primeiros a acolher, partindo para o Brasil. Peça por nós a Nossa Senhora Aparecida que caminhemos na estrada da santidade, sempre mais identificados com Cristo que nos alcançou através do carisma de Dom Giussani.

Pe. Julián Carrón

*S.E.R. cardeal Stanislaw Dziwisz*  
*Arcebispo de Cracóvia*

Eminência Reverendíssima, 26 mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rímni para os anuais Exercícios espirituais, sobre o tema “Quem está em Cristo é uma nova criatura”, decidiram encerrar antecipadamente o retiro para estar à noite em Roma, junto com outros milhares de amigos do Movimento, para a beatificação do nosso caríssimo João Paulo II, gigante de uma fé apaixonada por Cristo, que reconheceu a nossa Fraternidade e com quem temos um enorme débito de reconhecimento. Sabendo como era estreito o laço do Pontífice com Dom Giussani e CL, fundado numa consonância de visão de fé sobre toda a realidade, na paixão por Cristo “centro do cosmo e da história”, pedimos-lhe que recomende ao novo Beato todas as nossas pessoas. De nossa parte, pedimos a João Paulo II que seja sempre em sua vida um poderoso protetor.

Pe. Julián Carrón

*S.E.R. cardeal Angelo Scola*  
*Patriarca de Veneza*

Caríssimo Angelo, suas palavras nos tornaram mais conscientes do alcance, em nossa vida, da frase de São Paulo “Se alguém está em Cris-

to é uma nova criatura”. De fato, Cristo é algo que está acontecendo agora em nós, uma novidade mais poderosa do que nossos limites e fragilidades. Agradecidos por nos ter recordado que nisso consiste o fascínio do carisma de Dom Giussani, pedimos ao beato João Paulo II que apoie o seu ministério de testemunha da mudança de vida que Cristo realiza em quem O reconhece presente, sinal poderoso da Sua ressurreição. Confiando a Nossa Senhora o bom êxito da visita pastoral Bento XVI à sua diocese, saudamo-lo com afeto.

*Pe. Julián Carrón*

## CARTA À FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

Milão, 31 de janeiro de 2011

Queridos amigos,  
imagino a comoção e o entusiasmo com que cada um de vocês – como sucedeu comigo – acolheu o anúncio da Beatificação de João Paulo II, fixada por Bento XVI para o próximo dia 1º de maio, festa da Divina Misericórdia. E também nós, com o Papa, exclamamos: “Estamos felizes!” (*Angelus* de 16 de janeiro de 2011).

Unimo-nos à alegria de toda a Igreja no agradecimento a Deus pelo bem que foi a sua pessoa, com o seu testemunho e a sua paixão missionária. Qual de nós não recebeu tanto da sua vida? Quantos reencontraram a alegria de ser cristãos, vendo a sua paixão por Cristo, o tipo de humanidade que nascia da sua fé, o seu entusiasmo contagiante! Nele reconhecemos imediatamente um homem – com um temperamento e um modo investidos pela fé – em cujos discursos e gestos se evidenciava o método escolhido por Deus para Se comunicar: um encontro humano que torna a fé fascinante e persuasiva.

Todos nós estamos bem cientes da importância do seu pontificado para a vida da Igreja e da humanidade. Num momento particularmente difícil de novo propôs diante de todos, com uma audácia que só pode ter Deus como origem, o que significa ser cristão hoje, oferecendo a todos as razões da fé e promovendo incansavelmente as sementes de renovação do corpo eclesial postas em prática pelo Concílio Vaticano II, sem ceder a nenhuma das interpretações parciais que pretendiam reduzir o seu alcance num sentido ou noutro. A sua contribuição para a paz no mundo e para a convivência entre os homens mostra a que ponto é decisiva para o bem comum uma fé integralmente vivida em todas as suas dimensões.

Sabemos como, desde o início do pontificado, eram estreitos os laços de João Paulo II com Dom Giussani e CL, fundados numa consonância do olhar de fé a toda a realidade, na paixão por Cristo “centro do cosmo e da história” (*Redemptor hominis*). Ele ofereceu-nos um ensinamento precioso para compreender e aprofundar o nosso carisma nas diversas

e múltiplas ocasiões em que falou a todos os movimentos, por ele designados como “primavera do Espírito”, na medida em que na Igreja a dimensão carismática é “coessencial” à institucional. Dirigiu-se também diretamente a nós várias vezes, até às comovedoras cartas endereçadas a Dom Giussani nos últimos anos de suas vidas, unidas também pela provação da doença.

No discurso pelo trigésimo aniversário do Movimento, em 1984, disse-nos: “Jesus, o Cristo, Aquele no qual tudo é feito e consiste, é, pois, o princípio interpretativo do homem e da sua história. Afirmar humildemente, mas também com tenacidade, Cristo princípio e motivo inspirador do viver e do agir, da consciência e da ação, significa aderir a Ele, para tornar adequadamente presente a Sua vitória no mundo. Agir para que o conteúdo da fé se torne inteligência e pedagogia da vida é tarefa cotidiana do crente, que deve ser realizada em todas as situações e ambientes nos quais somos chamados a viver. Está nisto a riqueza da vossa participação na vida eclesial: um método de educação à fé, a fim de que incida na vida do homem e da história. [...] A experiência cristã compreendida e vivida desse modo gera uma presença que põe em todas as circunstâncias humanas a Igreja como lugar onde o *acontecimento* de Cristo [...] vive como horizonte pleno de verdade para o homem. Nós cremos em Cristo, morto e ressuscitado, em Cristo presente aqui e agora, o único que pode mudar e muda, transfigurando-os, o homem e o mundo” (Roma, 29 de setembro de 1984). São palavras de uma atualidade impressionante!

Com uma paternidade surpreendente e única João Paulo II abraçou a nossa jovem história reconhecendo canonicamente a Fraternidade de Comunhão e Libertação, os *Memores Domini*, a Fraternidade Sacerdotal dos Missionários de São Carlos Borromeu, as Irmãs da Caridade da Assunção, como frutos diversos nascidos do carisma de Dom Giussani para o bem de toda a Igreja. O próprio Papa nos fez compreender a dimensão de tal gesto: “Quando um movimento é reconhecido pela Igreja, este se torna instrumento privilegiado para uma pessoal e sempre renovada adesão ao mistério de Cristo” (Castelgandolfo, 12 de setembro de 1985).

Por isso, se alguém tem uma enorme dívida de reconhecimento com João Paulo II, somos precisamente nós.

E não podemos encontrar um meio mais adequado de mostrar este nosso reconhecimento a não ser continuando a seguir a sua exortação cheia de autoridade: “Não permitais jamais que na vossa participação se aloje o caruncho do costume, da ‘rotina’, da velhice! Renovai continuamente a descoberta do carisma que vos fascinou e ele vos levará de forma mais potente a vos tornardes servidores daquela única potestade que é Cristo Senhor! (Castelgandolfo, 12 de setembro de 1985).

Por estas razões participaremos todos do encontro do próximo dia 1° de maio. Portanto, os Exercícios Espirituais da Fraternidade, que tínhamos programado de 29 de abril a 1° de maio, terminarão na noite de sábado, 30 de abril, de maneira que, com todos os outros amigos do Movimento – os estudantes de liceu, os universitários e os adultos não presentes em Rímíni – nos possamos dirigir em peregrinação a Roma para nos unirmos ao Papa e à Igreja no agradecimento a Deus, que nos concedeu uma tão autêntica testemunha de Cristo. Desejamos estar junto de Bento XVI, que na sua clarividência decidiu indicar ao mundo inteiro o beato João Paulo II como exemplo do que pode fazer Cristo de um homem que se deixa tomar por Ele.

Pedindo a Dom Giussani e ao novo beato João Paulo II que do Céu acompanhem a nossa fidelidade a Pedro – amparo seguro para a nossa vida de fé – e a Nossa Senhora que realize em cada um de nós o desejo de santidade para a qual existe a nossa Fraternidade, saúdo-vos de todo o coração.

padre Julián Carrón

## Beatificação de João Paulo II

### HOMILIA DO SANTO PADRE BENTO XVI

*Átrio da Basílica Vaticana. Domingo, 1º de maio de 2011*

*Amados irmãos e irmãs,*

Passaram já seis anos desde o dia em que nos encontrávamos nesta Praça para celebrar o funeral do Papa João Paulo II. Então, se a tristeza pela sua perda era profunda, maior ainda se revelava a sensação de que uma graça imensa envolvia Roma e o mundo inteiro: graça esta, que era como que o fruto da vida inteira do meu amado Predecessor, especialmente do seu testemunho no sofrimento. Já naquele dia sentíamos pairar o perfume da sua santidade, tendo o Povo de Deus manifestado de muitas maneiras a sua veneração por ele. Por isso, quis que a sua Causa de Beatificação pudesse, no devido respeito pelas normas da Igreja, prosseguir com discreta celeridade. E o dia esperado chegou! Chegou depressa, porque assim aprouve ao Senhor: João Paulo II é Beato!

Desejo dirigir a minha cordial saudação a todos vós que, nesta circunstância feliz, vos reunistes, tão numerosos, aqui em Roma vindos de todos os cantos do mundo: cardeais, patriarcas das Igrejas Católicas Orientais, irmãos no episcopado e no sacerdócio, delegações oficiais, embaixadores e autoridades, pessoas consagradas e fiéis leigos; esta minha saudação estende-se também a quantos estão unidos conosco através do rádio e da televisão.

Estamos no segundo domingo de Páscoa, que o Beato João Paulo II quis intitular Domingo da Divina Misericórdia. Por isso, se escolheu esta data para a presente celebração, porque o meu Predecessor, por um desígnio providencial, entregou o seu espírito a Deus justamente ao anoitecer da vigília de tal ocorrência. Além disso, hoje tem início o mês de Maio, o mês de Maria; e neste dia celebra-se também a memória de São José operário. Todos estes elementos concorrem para enriquecer a nossa oração; servem-nos de ajuda, a nós que ainda peregrinamos no tempo e no espaço; no Céu, a festa entre os Anjos e os Santos é muito diferente! E todavia Deus é um só, e um só é Cristo Senhor que, como uma ponte, une a terra e o Céu, e neste momento sentimo-lo muito perto, sentimo-nos quase participantes da liturgia celeste.

“Felizes os que acreditam sem terem visto” (*Jo 20, 29*). No Evangelho de hoje, Jesus pronuncia esta bem-aventurança: a bem-aventurança da fé. Ela chama de modo particular a nossa atenção, porque estamos reunidos

justamente para celebrar uma Beatificação e, mais ainda, porque o Beato hoje proclamado é um Papa, um Sucessor de Pedro, chamado a confirmar os irmãos na fé. João Paulo II é Beato pela sua forte e generosa fé apostólica. E isto traz imediatamente à memória outra bem-aventurança: “Feliz de ti, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne e o sangue que to revelaram, mas sim meu Pai que está nos Céus” (Mt 16, 17). O que é que o Pai celeste revelou a Simão? Que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus vivo. Por esta fé, Simão se torna “Pedro”, rocha sobre a qual Jesus pode edificar a sua Igreja. A bem-aventurança eterna de João Paulo II, que a Igreja tem a alegria de proclamar hoje, está inteiramente contida nestas palavras de Cristo: “Feliz de ti, Simão” e “felizes os que acreditam sem terem visto”. É a bem-aventurança da fé, cujo dom também João Paulo II recebeu de Deus Pai para a edificação da Igreja de Cristo. Entretanto perpassa pelo nosso pensamento mais uma bem-aventurança que, no Evangelho, precede todas as outras. É a bem-aventurança da Virgem Maria, a Mãe do Redentor. A Ela, que acabava de conceber Jesus no seu ventre, diz Santa Isabel: “Bem-aventurada aquela que acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor” (Lc 1, 45). A bem-aventurança da fé tem o seu modelo em Maria, pelo que a todos nos enche de alegria o fato de a beatificação de João Paulo II ter lugar no primeiro dia deste mês mariano, sob o olhar materno d’Aquele que, com a sua fé, sustentou a fé dos Apóstolos e não cessa de sustentar a fé dos seus sucessores, especialmente de quantos são chamados a sentar-se na cátedra de Pedro. Nas narrações da ressurreição de Cristo, Maria não aparece, mas a sua presença pressente-se em toda a parte: é a Mãe, a quem Jesus confiou cada um dos discípulos e toda a comunidade. De forma particular, notamos que a presença real e materna de Maria aparece assinalada por São João e São Lucas nos contextos que precedem tanto o Evangelho como a primeira Leitura de hoje: na narração da morte de Jesus, onde Maria aparece aos pés da Cruz (Jo 19, 25); e, no começo dos *Atos dos Apóstolos*, que a apresentam no meio dos discípulos reunidos em oração no Cenáculo (Act 1, 14).

Também a segunda Leitura de hoje nos fala da fé, e é justamente São Pedro que escreve, cheio de entusiasmo espiritual, indicando aos recém-batizados as razões da sua esperança e da sua alegria. Apraz-me observar que nesta passagem, situada na parte inicial da sua *Primeira Carta*, Pedro exprime-se não no modo exortativo, mas indicativo. De fato, escreve: “Isto vos *enche* de alegria”; e acrescenta: “Vós *amais* Jesus Cristo sem O terdes conhecido, e, como n’Ele *acreditais* sem O verdes ainda, *estais* cheios de alegria indescritível e plena de glória, por *irdes*

alcançar o fim da vossa fé: a salvação das vossas almas” (1 Pd 1, 6.8-9). Está tudo no indicativo, porque existe uma nova realidade, gerada pela ressurreição de Cristo, uma realidade que nos é acessível pela fé. “Esta é uma obra admirável – diz o Salmo (118, 23) – que o Senhor realizou aos nossos olhos”, os olhos da fé.

Queridos irmãos e irmãs, hoje diante dos nossos olhos brilha, na plena luz de Cristo ressuscitado, a amada e venerada figura de João Paulo II. Hoje, o seu nome junta-se à série dos Santos e Beatos que ele mesmo proclamou durante os seus quase 27 anos de pontificado, lembrando com vigor a vocação universal à medida alta da vida cristã, à santidade, como afirma a Constituição conciliar *Lumem gentium* sobre a Igreja. Os membros do Povo de Deus – bispos, sacerdotes, diáconos, fiéis leigos, religiosos e religiosas – todos nós estamos a caminho da Pátria celeste, tendo-nos precedido a Virgem Maria, associada de modo singular e perfeito ao mistério de Cristo e da Igreja. Karol Wojtyła, primeiro como Bispo Auxiliar e depois como Arcebispo de Cracóvia, participou no Concílio Vaticano II e bem sabia que dedicar a Maria o último capítulo da Constituição sobre a Igreja significava colocar a Mãe do Redentor como imagem e modelo de santidade para todo o cristão e para a Igreja inteira. Foi esta visão teológica que o Beato João Paulo II descobriu na sua juventude, tendo-a depois conservado e aprofundado durante toda a vida; uma visão, que se resume no ícone bíblico de Cristo crucificado com Maria ao pé da Cruz. Um ícone que se encontra no Evangelho de João (19, 25-27) e está sintetizado nas armas episcopais e, depois, papais de Karol Wojtyła: uma cruz de ouro, um “M” na parte inferior direita e o lema “*Totus tuus*”, que corresponde à conhecida frase de São Luís Maria Grignon de Monfort, na qual Karol Wojtyła encontrou um princípio fundamental para a sua vida: “*Totus tuus ego sum et omnia mea tua sunt. Accipio Te in mea omnia. Praebe mihi cor tuum, Maria – Sou todo vosso e tudo o que possuo é vosso. Tomo-vos como toda a minha riqueza. Dai-me o vosso coração, ó Maria*” (*Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, n. 266).

No seu Testamento, o novo Beato deixou escrito: “Quando, no dia 16 de Outubro de 1978, o conclave dos cardeais escolheu João Paulo II, o Cardeal Stefan Wyszyński, Primaz da Polónia, disse-me: ‘A missão do novo Papa será a de introduzir a Igreja no Terceiro Milénio’”. E acrescenta: “Desejo mais uma vez agradecer ao Espírito Santo pelo grande dom do Concílio Vaticano II, do qual me sinto devedor, juntamente com toda a Igreja e sobretudo o episcopado. Estou convencido de que será concedido ainda por muito tempo, às sucessivas gerações, haurir das

riquezas que este Concílio do século XX nos prodigalizou. Como Bispo que participou no evento conciliar, desde o primeiro ao último dia, desejo confiar este grande patrimônio a todos aqueles que são, e serão, chamados a realizá-lo. Pela minha parte, agradeço ao Pastor eterno que me permitiu servir esta grandíssima causa ao longo de todos os anos do meu pontificado”. E qual é esta causa? É a mesma que João Paulo II enunciou na sua primeira Missa solene, na Praça de São Pedro, com estas palavras memoráveis: “Não tenhais medo! Abri, melhor, escancarai as portas a Cristo!”. Aquilo que o Papa recém-eleito pedia a todos, começou, ele mesmo, a fazê-lo: abriu a Cristo a sociedade, a cultura, os sistemas políticos e econômicos, invertendo, com a força de um gigante – força que lhe vinha de Deus –, uma tendência que parecia irreversível. Com o seu testemunho de fé, de amor e de coragem apostólica, acompanhado por uma grande sensibilidade humana, este filho exemplar da Nação Polaca ajudou os cristãos de todo o mundo a não ter medo de se dizerem cristãos, de pertencerem à Igreja, de falarem do Evangelho. Numa palavra, ajudou-nos a não ter medo da verdade, porque a verdade é garantia de liberdade. Sintetizando ainda mais: deu-nos novamente a força de crer em Cristo, porque Cristo é o Redentor do homem – *Redemptor hominis*: foi este o tema da sua primeira Encíclica e o fio condutor de todas as outras. Karol Wojtyła subiu ao sólio de Pedro trazendo consigo a sua reflexão profunda sobre a confrontação entre o marxismo e o cristianismo, centrada no homem. A sua mensagem foi esta: o homem é o caminho da Igreja, e Cristo é o caminho do homem. Com esta mensagem, que é a grande herança do Concílio Vaticano II e do seu “timoneiro” – o Servo de Deus Papa Paulo VI –, João Paulo II foi o guia do Povo de Deus ao cruzar o limiar do Terceiro Milénio, que ele pôde, justamente graças a Cristo, chamar “limiar da esperança”. Na verdade, através do longo caminho de preparação para o Grande Jubileu, ele conferiu ao cristianismo uma renovada orientação para o futuro, o futuro de Deus, que é transcendente relativamente à história, mas incide na história. Aquela carga de esperança que de certo modo fora cedida ao marxismo e à ideologia do progresso, João Paulo II legitimamente reivindicou-a para o cristianismo, restituindo-lhe a fisionomia autêntica da esperança, que se deve viver na história com um espírito de “advento”, numa existência pessoal e comunitária orientada para Cristo, plenitude do homem e realização das suas expectativas de justiça e de paz.

Por fim, quero agradecer a Deus também a experiência de colaboração pessoal que me concedeu ter longamente com o Beato Papa João Paulo II. Se antes já tinha tido possibilidades de o conhecer e estimar, desde

1982, quando me chamou a Roma como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, pude durante 23 anos permanecer junto dele crescendo sempre mais a minha veneração pela sua pessoa. O meu serviço foi sustentado pela sua profundidade espiritual, pela riqueza das suas intuições. Sempre me impressionou e edificou o exemplo da sua oração: entranhava-se no encontro com Deus, inclusive no meio das mais variadas incumbências do seu ministério. E, depois, impressionou-me o seu testemunho no sofrimento: pouco a pouco o Senhor foi-o despojando de tudo, mas permaneceu sempre uma “rocha”, como Cristo o quis. A sua humildade profunda, enraizada na união íntima com Cristo, permitiu-lhe continuar a guiar a Igreja e a dar ao mundo uma mensagem ainda mais eloquente, justamente no período em que as forças físicas definhavam. Assim, realizou de maneira extraordinária a vocação de todo o sacerdote e bispo: tornar-se um só com aquele Jesus que diariamente recebe e oferece na Igreja.

Feliz és tu, amado Papa João Paulo II, porque acreditaste! Continua do Céu – nós te pedimos – a sustentar a fé do Povo de Deus. Muitas vezes, tu nos abençoaste nesta Praça do Palácio! Hoje nós te pedimos: Santo Padre, abençoa-nos! Amém.

## A ARTE EM NOSSA COMPANHIA

*Sandro Chierici (org.)*

*(Guia para a leitura das imagens tiradas da História da Arte que acompanhavam a audição dos trechos de música clássica na entrada e na saída)*

### *A Sagrada Família de Antoni Gaudí em Barcelona*

- 1-2 A fachada da Natividade
- 3-4 Os anjos anunciam com trombetas o nascimento do Salvador
- 5 O pórtico central, ou da Caridade
- 6 A coluna central do pórtico da Caridade. Na representação do rolo que envolve a coluna está inscrita a genealogia de Jesus; a rede que envolve a parte inferior representa o pecado do homem
- 7 Cenas da Natividade
- 8 A Anunciação
- 9 Pórtico da Esperança, as núpcias de Maria e José
- 10 Pórtico da Fé, a Visitação
- 11 Pórtico da Caridade, Anjos e pastores contemplam a Natividade
- 12-15 José, Maria e o Menino
- 16-17 Os Magos
- 18-20 A humanidade se alegra pelo nascimento do Salvador
- 21-23 Um anjo toca a harpa sem cordas
- 24 Um anjo toca o alaúde
- 25-26 Pórtico da Fé, a Apresentação de Jesus no Templo
- 27 O pórtico esquerdo, ou da Esperança
- 28 A fuga para o Egito
- 29 A chacina dos inocentes
- 30 José e o Menino Jesus
- 31 Os rosários esculpidos no cume do nicho
- 32 O pórtico direito, ou da Fé
- 33 José e Maria procurando Jesus, e Jesus trabalhando na oficina de José
- 34-35 Menino Jesus ensina no Templo
- 36-37 A parte superior do pórtico da caridade, com a Coroação de Maria
- 38-39 A entrada da capela do Rosário
- 40 Um anjo

- 41 O homem tentado pela violência
- 42-43 Figuras de serpentes
- 44 Fachada da Paixão, Cristo na coluna
- 45 O véu de Verônica
- 46 Cenas da Paixão
- 47 A pomba do Espírito Santo e a Ascensão de Jesus
- 48 Fachada da Natividade, um elemento decorativo
- 49-54 Detalhes de uma das agulhas
- 55-57 O cipreste (a Igreja) que acolhe os pássaros (os fiéis)
- 58-62 Detalhes dos pináculos
- 63 No cume do cipreste, a cruz, o tau e a pomba
- 64 O cálice sustentado pela uva
- 65 A hóstia sustentada pelas espigas de trigo
- 66 Os pináculos que coroam o edifício
- 67-68 Vistas do interior
- 69 O baldaquim e o crucifixo que ficam acima do altar
- 70-76 Detalhes das colunas do interior
- 77-81 Detalhes dos vitrais
- 82-84 Perfis do interior
- 85 Visão das abóbadas
- 86-91 Detalhes do forro
- 92-93 A cúpula de luz que fica acima do altar
- 94 Detalhes dos pináculos
- 95-97 Vistas aéreas do canteiro de obras da Sagrada Família
- 98 A Sagrada Família no contexto da cidade



## Índice

---

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE BENTO XVI 3

### *Sexta-feira 29 de abril, noite*

INTRODUÇÃO 4

SANTA MISSA — *HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO* 11

### *Sábado 30 de abril, manhã*

PRIMEIRA MEDITAÇÃO — *O “mistério eterno do nosso ser”* 12

### *Sábado 30 de abril, à tarde*

SEGUNDA MEDITAÇÃO — *“Ubi fides ibi libertas”* 27

SANTA MISSA — *HOMILIA DO PADRE JAVIER PRADES* 45

MENSAGENS RECEBIDAS 47

TELEGRAMAS ENVIADOS 49

JULIÁN CARRÓN, CARTA À FRATERNIDADE DE CL 53

BENTO XVI, HOMILIA NA BEATIFICAÇÃO DE JOÃO PAULO II 56

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA 61

Suplemento da revista *Passos - Litterae Communionis*, nº127, Junho de 2011

Jornalista Responsável: Isabella Santana Alberto - MTB 56.802

No Brasil, uma publicação da Sociedade Litterae Communionis

Rua Félix Guilhem, 275 – Lapa de baixo, São Paulo, SP - 05069-000

Tel: (+55/11) 3871.1352 – [passos.cl@uol.com.br](mailto:passos.cl@uol.com.br)

[www.passos-cl.com.br](http://www.passos-cl.com.br)

Diagramação: Ultreya, Milão



